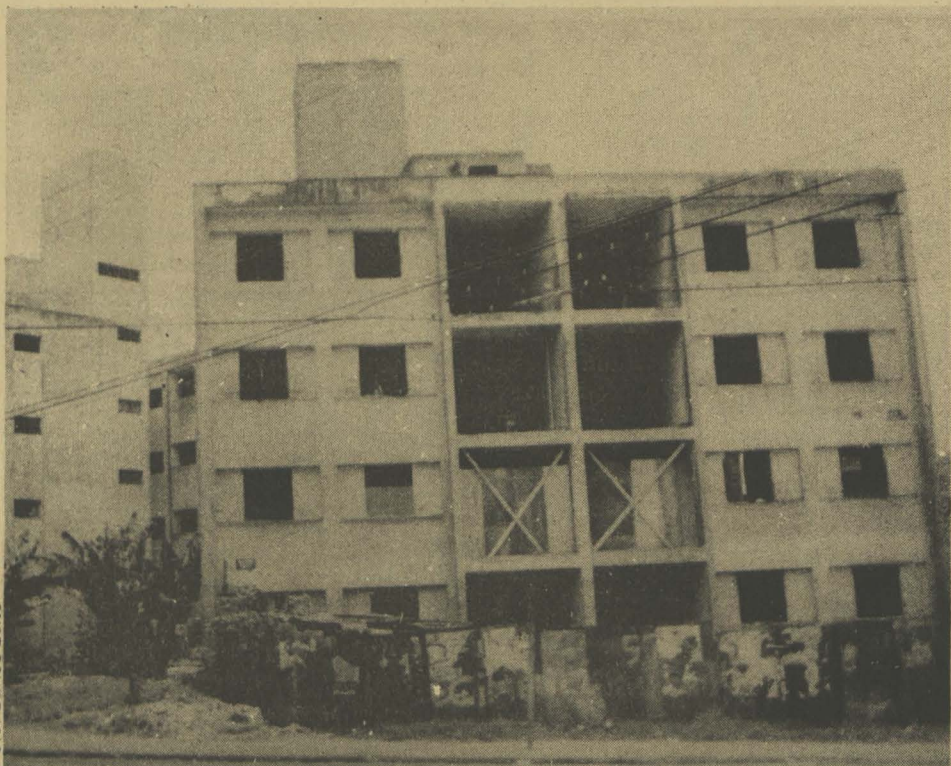




Um dos conjuntos invadidos em Sto. André: vazio há mais de cinco anos.

Povo sem casa ocupa apartamentos sem dono em São Paulo

Três conjuntos residenciais invadidos em Santo André e seis na periferia Leste de São Paulo, para abrigar mais de 140 famílias sem teto. Em Porto Alegre, vereador foi espancado e preso pela PM por se solidarizar com ocupantes de um terreno baldio.



O combativo vereador Valneri Antunes, ao ser preso.

EDITORIAL

A batalha do voto

Ganha força a batalha por eleições diretas para presidente da República. Nem mesmo as correntes governistas conseguem se acomodar no esquema estreito e ilegítimo do Colégio Eleitoral forjado pela ditadura. E o disse-não-disse de Figueiredo na África aticou ainda mais a discussão sobre o assunto. Seu objetivo era conturbar o quadro político e, de certa forma, assustar e enquadrar os pedessistas "rebeldes". Mas não conseguiu evitar que suas palavras alimentassem a expectativa dos brasileiros em torno desta esperada medida democrática.

Aproveitando o crescimento da polêmica, políticos, partidos e entidades oposicionistas sentem-se encorajados para tomar iniciativas mais enérgicas e pressionar o governo em prol das diretas.

Mas certos oposicionistas, ao ouvir as palavras de Figueiredo, saíram espalhando euforia por todo lado, porque tinham conseguido um aliado importante para a conquista das eleições. Agora já se oferecem para negociações que decidam os passos concretos a serem dados. Surgem as especulações de que num "gesto de boa vontade" a oposição poderia aceitar o tal mandato-tampão — uma prorrogação do mandato de Figueiredo — e outras concessões.

Pura ilusão, fruto de uma visão limitada. Para o regime, o problema de eleição — direta ou indireta — é formal. O objetivo real é a continuidade do poder nas mãos da oligarquia militar e jamais dar condições ao povo de escolher o governo que deseja. Para este fim foi montado peça por peça o Colégio Eleitoral, com sucessivos casuísmos. E agora, como a eleição indireta encontra obstáculos enormes e entrou por um caminho perigoso para o governo, Figueiredo trata de tumultuar a situação e ver se pesca em águas turvas alguma solução para dar

prosseguimento aos planos continuistas traçados no Planalto.

A oposição já foi esbulhada nos seus direitos mais elementares. Não pode ceder mais nada. É mera capitulação a tentativa de recuar ainda mais numa barganha para ver se os poderosos lhe concedem por favor o que o povo exige por unanimidade: o direito de escolher por voto direto todos os seus governantes.

Os trabalhadores não estão dispostos a tolerar esta camarlacha por mais tempo em Brasília. Não existe outra solução para os brasileiros que não passe pelo fim dos governos dos generais e pela conquista de um novo governo, que represente o povo, os democratas e os patriotas.

Neste sentido as eleições diretas, que fazem parte da luta pelo fim do regime militar, não poderão resultar do congaçamento da oposição com os donos do poder. Serão fruto da união e da luta das massas. Terão que ser conquistadas.

O fator essencial para esta conquista democrática é o povo nas ruas. A conjuntura exige que se multipliquem as iniciativas de massas, nas fábricas, nos sindicatos, nas escolas, nos bairros. Tanto em debates em recinto fechado, para despertar a consciência de milhares de pessoas e organizar os ativistas do povo, como em ações vigorosas, em comícios, manifestações nas ruas, para que seja ouvida a voz dos brasileiros.

Na luta por eleições diretas, a unidade mais ampla é essencial. Mas igualmente importante é que os trabalhadores critiquem com argumentos fortes as ofensivas conciliadoras dos que vivem esperando qualquer aceno dos poderosos para consumir acordos de bastidores com os generais. Unidade sim. Mas não conchavo com os inimigos do povo para nos vender arbítrio retocado como se fosse democracia.

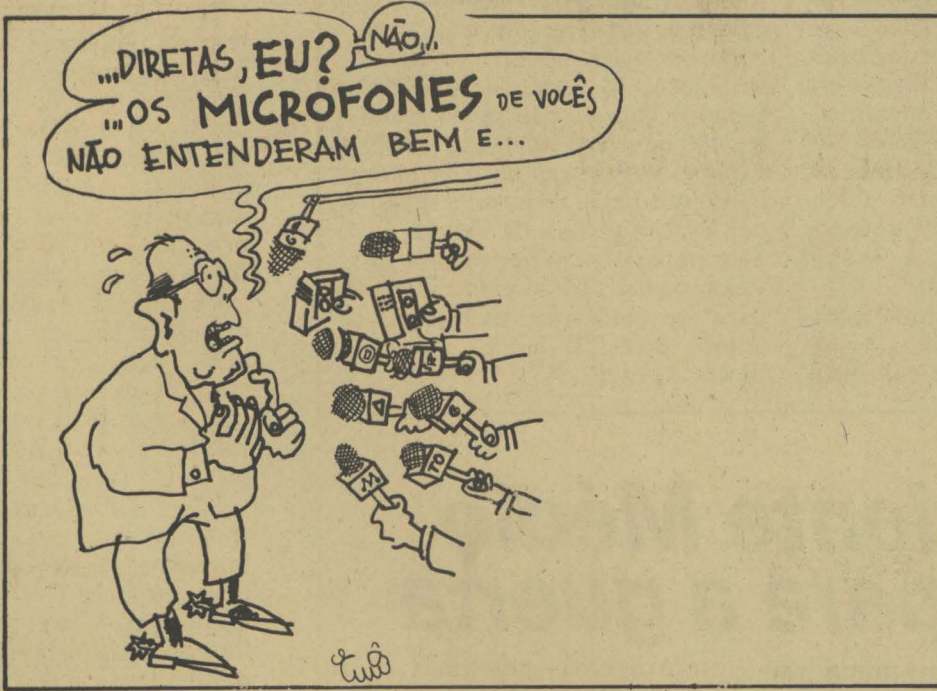
Pesquisa revela os números da miséria:

➔ 80% ganham até 3 salários mínimos

➔ 10 milhões ganham até 1/2 salário

➔ 21 milhões ganham até 1 salário

Leia na última página



A estranha fuga do criminoso major Ferreira

Como quem sai para um passeio, sem arrombar uma porta ou render um guarda, o ex-major José Ferreira dos Anjos fugiu da prisão em Recife, na última segunda-feira, dia 21. Ele estava condenado a 31 anos de prisão pela autoria intelectual do assassinato do procurador Melo e Silva, que investigava o caso conhecido como "Escândalo da Mandioca": um desvio de enorme soma de dinheiro do Banco do Brasil em Pernambuco, do qual o ex-major dos Anjos se beneficiou. O criminoso escapou três horas depois de ter sido expulso da Polícia Militar.

Comenta-se em Pernambuco que o governador Roberto Magalhães teria confessado a seus companheiros de PDS que o major poderia fugir à hora que quisesse. Fala-se também que dos Anjos fugiu pelo céu: num avião cedido por um industrial do cimento ligado ao Sindicato da Morte.

Intervenção no Sindicato de Santa Luzia

Sindicato dos Trabalhadores Rurais também é vítima do arbítrio do governo. Página 4

Nicarágua faz chamamento por solidariedade

Povo nicaraguense já cava trincheiras para resistir à agressão dos EUA. Pág. 2

A batalha dos municípios por sua autonomia

A votação da emenda Passos Porto. Página 3



A marcha dos professores: "Se não houver dinheiro vai ter greve em fevereiro".

Professores paulistas fazem passeata da fome

Sete mil professores estaduais, numa passeata da Secretaria da Educação até a Secretaria da Fazenda de São Paulo, cobraram quarta-feira do governador Montoro as promessas que ele fez à categoria e não cumpriu. Os professores paulistas tiveram em 1983 dois reajustes, de 60% e 15%, quando a carestia supera os 200%. E estão indignados com a previsão orçamentária do Estado para 1984, que concede-lhes apenas 85% de reajuste.

Extremamente radicalizada, a multidão manifestou seu descontentamento com os políticos vaiando

sonoramente os deputados estaduais Paulo Frateschi (PT) e Wagner Rossi (PMDB). E prometeu cobrar a promessa deste último, de que a bancada peemedebista não votará um reajuste de fome para os professores estaduais, mesmo que o Executivo paulista insista em sua proposta.

Convocada pela Apeoesp (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), a passeata expressou a revolta da categoria também em palavras de ordem como "Se não tiver dinheiro vai ter greve em fevereiro".



Jornalistas nicaraguenses cavam uma trincheira diante do seu local de trabalho: o povo promete resistir

Nicarágua prepara a resistência aos EUA

Após uma semana de operações militares dos EUA e de Honduras, bem perto da fronteira com a Nicarágua, o governo Reagan insiste que nem cogita invadir a pátria de Sandino. O povo nicaraguense, porém, denuncia a iminência do ataque, cava trincheiras em toda parte e arma-se em massa — 300 mil já ingressaram na milícia — para repelir qualquer agressor.

Tudo indica que os exercícios de guerra dos EUA são um segundo ensaio para a invasão da Nicarágua, após a covarde ocupação de Granada. Um coronel ianque, James Strachan, admitiu em Tegucigalpa que ambas operações visaram a demonstrar “que podemos proteger aqueles que não são nossos inimigos”. A iminência de um invasão é reforçada não só pelos planos estratégicos estadunidenses de “limpeza de área” na América Central, mas também pelo empenho de Reagan em “mostrar serviço” aos monopólios imperialistas ianques, às vésperas das eleições presidenciais nos EUA.

O povo e o governo da Nicarágua preparam-se para a resistência. E têm a seu favor a experiência recente da revolução anti-somozista, na qual as massas tiveram uma participação excepcionalmente ativa.

Mensagem dos sandinistas

“A situação em nosso país é difícil. Estão nos obrigando a ir à guerra. E vamos à guerra. Esperamos a invasão para os próximos dias e estamos preparados para lutar”. Estas são as palavras de Freddy Figueroa, representante da Frente Sandinista de Libertação Nacional, em sua recente passagem por São Paulo, em busca da solidariedade do povo brasileiro.

“Dizemos que a situação é muito difícil — prossegue Figueroa — porque 13 mil marines norte-americanos estão participando das manobras em Honduras. A contra-revolução tem uma força terrestre em Honduras de 27 mil homens armados pelo antigo governo somozista e pela CIA.

“Há dias, num enfrentamento na fronteira sul, com a Costa Rica, perdemos dois irmãos nossos e vários elementos do povo saíram feridos. Não tínhamos forças regulares naquela localidade. Mas nosso povo repeliu a agressão e causou seis baixas nos contra-revolucionários.”

“PRECISAMOS DE VOCÊS”

“Nossa revolução exige solidariedade — prossegue o porta-voz da Frente Sandinista. Temos graves problemas econômicos em nosso país, porque a contra-revolução causou-nos prejuízos de mais de 30 milhões de dólares. Não temos médicos, nem enfermeiros para enfrentar a invasão. Não temos alimentos e nossas crianças não têm roupas.

“Queríamos uma ajuda completa. Aceitamos médicos de todas as especialidades e enfermei-



Figueroa: escravos de novo, jamais

ras. Necessitamos também que vocês nos ajudem a vencer este bloqueio da informação, porque o imperialismo também tem tentado nos isolar pelo bloqueio da informação. Necessitamos de uma solidariedade ativa e completa.

“Para finalizar — salienta Figueroa — gostaria de dizer que em diferentes setores as nossas forças armadas e o nosso povo já estão em armas e, em posição de combate para defender a nossa revolução. A administração dos Estados Unidos não se dá conta ou não quer entender que na Nicarágua existe um povo armado e este povo está disposto a defender as conquistas da revolução. Se o imperialismo decidir nos invadir, os fuzis serão empunhados para derrotá-los em todo o país. Somos livres. E jamais voltaremos a ser escravos”.

Vitória da greve na Bolívia

Uma poderosa greve geral de 24 horas paralisou por completo a Bolívia na última segunda-feira, 21. Os trabalhadores protestavam contra uma série de medidas de arrocho decretadas pelo governo de Siles Zuazo, por imposição do FMI. A combativa classe operária boliviana acionou, assim, contra Zuazo a mesma forma de luta que foi decisiva para derrotar os generais fascistas-traficantes e garantir sua posse em 1982.

A Bolívia atravessa grave crise econômica: a inflação, entre janeiro e agosto deste ano, atingiu o índice de 100%, a dívida externa é de cerca de 3 bilhões de dólares, com pagamentos atrasados. E o governo se submeteu às imposições do FMI para conseguir um empréstimo de 350 milhões de dólares.

No início do mês, Zuazo decretou várias medidas anti-operárias, inclusive uma máxi-desvalorização de 150% do peso (moeda local) e aumentos de até 79% nos gêneros de primeira necessidade. Em resposta, a Confederação Operária Boliviana (COB) deflagrou o processo de greve geral e uma manifestação de 50 mil trabalhadores tomou as ruas da capital La Paz.

Impressionado, o parlamento rechaçou as medidas econômicas do governo, por violarem a Constituição do Estado, já que foram determinadas pelo estrangeiro. O Congresso ordenou, ainda, ao poder Executivo que elevasse imediatamente em 100% os salários dos trabalhadores.



Comemorada a libertação de uruguaios

No dia 21, 400 pessoas participaram de uma manifestação promovida pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, para comemorar a libertação dos uruguaios Lilian Celiberti e Universindo Dias, que foram seqüestrados e presos pela polícia uruguaia, em Porto Alegre, com ajuda da polícia brasileira, em 1978.

Falando à Tribuna Operária, Osmar Ferri, advogado da família Celiberti, disse que vai tentar reabrir o caso, “pois os policiais brasileiros têm que pagar pelo crime de seqüestro”. Lilian Celiberti, inclusive, se disse capaz de reconhecer os seqüestradores.

No ato, dr. Osmar destacou que “o trabalho feito em defesa dos direitos humanos por advogados, jornalistas e pelo povo gaúcho conseguiu evitar que Lilian, Universindo e seus dois filhos se transformassem nuns dos 120 mil desaparecidos e assassinados pelas ditaduras militares da América Latina. As Forças Armadas da América Latina e do Brasil entregaram nossa soberania e se transformaram em guarda das multinacionais”.

Durante a manifestação, através de um telefonema ao Uruguai, os presentes ouviram Universindo e Lilian que, ao agradecer a solidariedade do povo gaúcho, disse: “Não falo só por nós, mas pelos argentinos e chilenos torturados e desaparecidos por terem lutado ao lado do povo”. (da sucursal).

Seregni recebe homenagem, em SP

No último dia 18, o general uruguaio Liber Seregni, preso político em seu país desde 9 de julho de 1973, foi homenageado pela Câmara Municipal de São Paulo, que lhe concedeu o título de cidadão paulistano. O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raimundo Faoro, representou o general na cerimônia da qual participaram parlamentares opositores do Brasil e de outros países da América do Sul, além de representantes do governo estadual de São Paulo e do movimento democrático e popular. O general Seregni foi o candidato da Frente Ampla — organização opositora à Presidência nas eleições uruguaias de 1971. Foi o mais votado em Montevideu.

Passeata de 1 milhão contra governo chileno

Uma gigantesca manifestação de um milhão de pessoas abalou a estrutura da ditadura militar de Augusto Pinochet, no último dia 18. Foi o maior ato público no Chile desde o golpe fascista de 1973, e se insere num espetacular ascenso da luta democrática nesse país.

A manifestação foi convocada pela Aliança Democrática (AD) e contou com o apoio de diversas entidades. O único orador, Enrique Silva Cimma, do Partido Radical, exigiu o fim do regime militar, o desmante-

lamento da Central Nacional de Informações e a convocação de uma Assembleia Constituinte. Seu discurso foi interrompido pelos gritos de “assassinos”, dirigidos contra três helicópteros da polícia que sobrevoavam a concentração. No final da manifestação, os agentes de Pinochet atacaram os populares, matando um jovem de 18 anos, Ricardo Mancilla, elevando assim para 78 o saldo de populares mortos desde o início das Jornadas de Protesto, em maio.

Exército peruano atua contra greve, nos ônibus

O governo peruano vem tentando superar a greve dos transportes que paralisa o país. Para isso chegou até mesmo a mobilizar as Forças Armadas para dirigir ônibus e tentar restabelecer um mínimo de tráfego.

Mas essa tentativa esbarra na firme resistência dos trabalhadores, cujo movimento se alastra com a adesão dos motoristas de caminhão. A crise peruana atinge proporções alarmantes e os movimentos grevistas têm sido a resposta popular, já que o governo não apresenta alternativas.

Povo de Granada ataca ocupantes americanos

O povo granadino continua resistindo à invasão norte-americana em seu pequeno país. No dia 22, cinco soldados dos Estados Unidos foram atacados numa pequena estrada que cerca o lago de Grand Etang. Na capital, São George, tropas ianques cercaram e revistaram todo o edifício do Tribunal de Justiça, depois de receberem telefonema dizendo que uma bomba seria detonada no local; nada foi encontrado. Permanecem em Granada 3.400 soldados invasores norte-americanos.

Iraque afunda cargueiro da Grécia, com “Exocet”

O Iraque atacou um cargueiro grego no último dia 21, em águas iranianas. Os 19 tripulantes foram resgatados com vida por uma lancha patrulheira do Irã. É a primeira vez que

um navio estrangeiro é atingido na guerra do Golfo Pérsico. O Iraque havia ameaçado atacar qualquer embarcação que se aproximasse dos portos iranianos. O ataque foi realizado com um míssil “Exocet”, de fabricação francesa.

Jaruzelski acumula poderes na Polônia

O general Wojciech Jaruzelski, virtual ditador militar da Polónia desde a implantação do “estado de guerra”, em dezembro de 1981, assumiu novos poderes a partir desta terça-feira, por decisão do Conselho de Estado polonês. Jaruzelski, que já é presidente da República, foi nomeado chefe supremo das Forças Armadas, em tempo de guerra, e presidente do recém-formado Comitê de Defesa Nacional, órgão militar máximo em tempos de paz. A centralização de poderes indica que, após dois anos de ditadura, a situação polonesa está ainda longe de estabilizar-se.

Parlamento da Alemanha aprova mísseis dos EUA

O parlamento alemão ocidental aprovou terça-feira, por 286 votos a 226, a instalação dos mísseis nucleares americanos Pershing 2 e Cruise, defendida pelo governo direitista de Helmut Kohl. A medida enfrentou a oposição dos social-democratas, dos “verdes” e sobretudo do movimento de massas contra os preparativos de guerra na Europa. Durante o debate parlamentar, a polícia atacou com brutalidade milhares de manifestantes pacifistas, causando as piores cenas de violência do pós-guerra.

Países do Oriente Médio em prontidão para a guerra

A escalada de guerra no Oriente Médio entra numa fase extremamente crítica e perigosa, na qual todos os países da região, e não apenas os diretamente envolvidos em conflitos, se alinham para o confronto. Na cabeça desta escalada se encontra a intervenção cada vez mais aberta e agressiva dos imperialistas norte-americanos e franceses.

Tanto Washington como Paris sempre tiveram grande interesse pela região. O imperialismo ianque se tornou a potência hegemônica no Oriente Médio após a II Guerra Mundial. Já o colonialismo francês, que antes dominava vastos territórios na área, como o Líbano e a Síria, se esforça por reconquistar seu espaço perdido. Estes interesses levam Estados Unidos e França na ação de guerra comum com Israel na região.

A estreita colaboração entre as tropas de ocupação das duas potências e as forças sionistas fica evidenciada pelo recente ataque aéreo coordenado pela França e por Israel contra objetivos no Líbano. No dia 16, a força aérea israelense bombardeou os arredores de Baalbeck, leste do Líbano. No dia seguinte, 14 jatos franceses atacaram o mesmo alvo, nesta região controlada pela Síria, matando mais de 50 pessoas.

INDIGNAÇÃO ITALIANA

A intervenção aberta das chamadas “Forças de Paz” tem causado contradições com os demais componentes da força multinacional que está na região. É o caso da Itália: indignado por não ter sido avisado previamente do

ataque francês, o presidente Sandro Pertini encaminhou um pedido ao Conselho de Ministros para retirar os 2.200 soldados italianos da força de “paz” no Líbano.

Ao completar 42 anos de “independência” na semana passada, o Líbano assistiu ao recrutamento dos combates entre progressistas e falangistas e no domingo, à derrubada de um caça bombardeiro israelense, que

atacava bases palestinas e drusas, por forças sírias.

Agora todos os países da região se colocaram em pé de guerra. O Egito deslocou tropas com a Líbia, alegando a presença de forças soviéticas e cubanas naquele país. O Sudão colocou suas forças armadas em estado de alerta contra a Etiópia, acusando-a de estacionar mil soldados, apoiados por conselheiros da URSS e de Cuba, na fronteira, preparando uma invasão. E o conflito Irã-Iraque voltou a se acender no seu 37º mês, com o apoio aberto dado a este último pelos países reacionários do Golfo Pérsico, pela França e pelos Estados Unidos. (Luís Fernandes).



Marines dos Estados Unidos nas trincheiras, no Líbano

Tribuna Operária

Pesquisa revela os

números da miséria:

→ 80% ganham até 3

salários mínimos

→ 10 milhões ganham

até 1/2 salário

→ 21 milhões ganham

até 1 salário

Tribuna Operária, o melhor presente para este Natal!

Na assinatura anual, você ganha 17 exemplares da sua imprensa operária. Com a assinatura semestral, você também paga apenas Cr\$ 70,00 por exemplar. É informação sem inflação...

Desejo receber em casa a Tribuna Operária

(Anual de apoio (52 edições)	Cr\$ 10.000,00
(Anual Comum (52 edições)	Cr\$ 5.000,00
(Semestral de apoio (26 edições)	Cr\$ 5.000,00
(Semestral comum (26 edições)	Cr\$ 2.500,00
(Exterior, anual	70 dólares

Envie cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Rua Adoniram Barbosa, 53 (antiga Travessa Brig. Luiz Antonio) - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado: CEP:

Profissão: Data:

Projeto de Documentação e Arquivo
Fundação Maurício Grabois

Campanha por diretas mobiliza a população

As declarações do general Figueiredo na África a favor e logo em seguida contra as eleições diretas para a Presidência da República jogaram lenha na fogueira deste debate no Brasil. E nesta semana começaram a ser envolvidos, além de parlamentares e políticos, setores expressivos da sociedade civil, como sindicalistas, artistas e estudantes.

No fim da semana passada o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo promoveu em sua sede um ato pelas eleições diretas (V. box). Na quinta-feira, 21, a recém-formada União Brasileira do Teatro lançou também em São Paulo um manifesto em defesa de eleições diretas para a Presidência da República. Mais de 80 artistas já assinaram o documento, entre eles nomes expressivos como Raul Cortez, Ruth Escobar, Chico Buarque, Regina Duarte, Marília Pera e Paulo Autran. No sábado, 26, realiza-se na capital paulista uma reunião com governadores de oposição, além de políticos de todos os partidos, incluindo o PDS, para lançar um documento contra as eleições indiretas. E no domingo um ato público ao lado do Estádio do Pacaembu e convocado pelos partidos de oposição, UNE,



Conclat da Praia Grande e CUT de São Bernardo fará a mesma reivindicação.

A campanha pelas eleições diretas está dando uma arancada. E galvaniza até setores do PDS. O presidente do partido governista no Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco, por exemplo, pronunciou-se a favor do pleito direto. E, a exemplo de ou-

tros pedessistas que fizeram o mesmo, vem sofrendo pressões para "deixar o dito por não dito".

O fato é que ninguém agüenta mais o esquema imposto pelos militares, que cerceia as forças populares e marginaliza setores das próprias classes dominantes. O Colégio Eleitoral criado pelos militares para substituir o eleitorado e dar uma aparência de democracia ao regime, com "eleições" periódicas para presidente está cada vez mais desgastado e desmoralizado.

Cada presidente que subiu procurou modificar o Colégio de acordo com seus interesses pessoais e de grupo. Figueiredo eliminou completamente a proporcionalidade entre a população eleitoral do Estado e o número de delegados que serão enviados ao colégio biônico. Cada um envia seis, independente do tamanho. Assim, São Paulo, que pelo sistema antigo teria mais 30 delegados, tem apenas seis, o mesmo do Piauí, no sistema anteriormente teria apenas 4 delegados. Dessa forma, o Colégio Eleitoral conta com maioria de delegados do PDS, embora nas últimas eleições o PMDB sozinho tenha conquistado 2 milhões de votos a mais que o partido governista. Antes do artifício de Figueiredo, a oposição teria 368 cadeiras no Colégio e o PDS 315. Agora o partido governista tem 368 cadeiras e a oposição apenas 337. E dose pra leão...



Na sede dos metalúrgicos, crítica ao continuísmo dos generais.

Ato pelas diretas no sindicato

Numa saudável iniciativa política, realizou-se no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, no último dia 18, um ato em defesa das eleições diretas para presidente da República. Com a presença de centenas de pessoas e a participação de representantes dos partidos de oposição, inclusive um dissidente do PTB, de várias entidades sindicais e populares, foram repudiadas as manobras

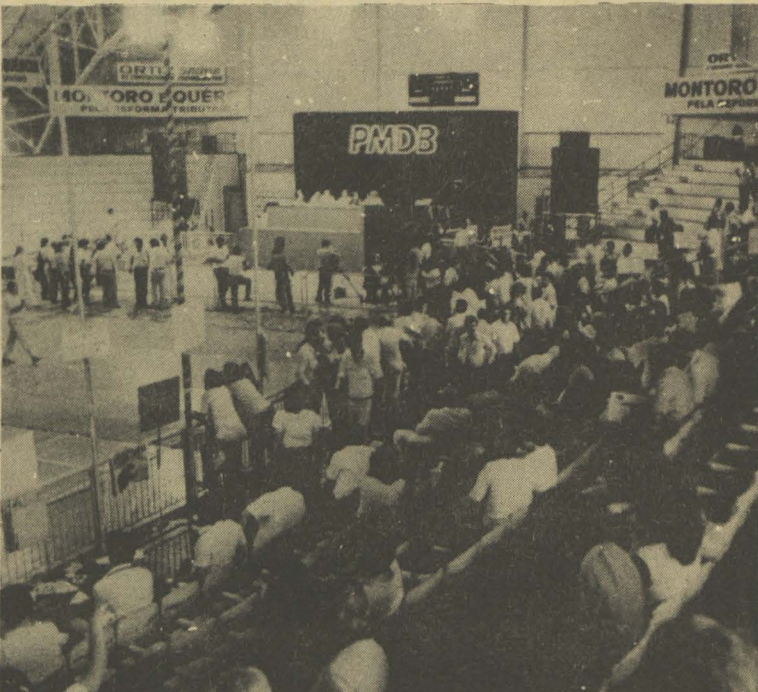
continuistas do general Figueiredo e o biônico Colégio Eleitoral. "Temos que tirar o Brasil da ditadura. Os que estão no poder querem negar ao povo o direito de eleger o presidente. Mas a eleição direta é uma exigência da sociedade. Nossa pátria tem que voltar a ser pátria, e não curral do FMI", afirmou Joaquim Andrade, presidente do Sindicato.

PMDB renova seus Diretórios

No último dia 20 o PMDB realizou convenções em todo o país para renovar suas direções regionais. Na maioria dos Estados houve chapas unitárias, acolhendo todas as correntes políticas que compõem a frente oposicionista. O fato negativo é que o maior partido de oposição não fez das convenções atos políticos massivos em defesa das eleições diretas.

A convenção do Rio de Janeiro foi a única marcada por uma acirrada disputa entre as duas visões antagônicas que convivem no partido. De um lado a dos que se esforçam para preservar os resquícios da velha máquina de corrupção do ex-governador Chagas Freitas, que se apresentou com a chapa Unidade. Encabeçada pelo expoente do clientelismo, deputado Jorge Leite, a chapa chaguista tem apoio dos jornais Voz da Unidade e Hora do Povo. Do outro lado estiveram os setores que querem renovar o PMDB, dando-lhe uma marca legítima de oposição. Artur da Távola encabeçou a chapa Democracia e Unidade, que abrigou setores populares bem como os maiores expoentes da intelectualidade e da frente democrática.

Desde o início previa-se que a chapa chaguista seria vitoriosa e a meta de Democracia e Unidade era superar os 20% de votos necessários para garantir sua participa-



Pequena presença popular na convenção de São Paulo

ção no Diretório e configurar-se como pólo alternativo de renovação do partido. No final um resultado favorável e até surpreendente: a chapa atingiu 35% dos votos. Logo em seguida na eleição da Executiva, os chaguistas excluíram os concorrentes e fizeram ameaças de agressão. Até os reformistas foram jogados para escanteio.

Em São Paulo também houve duas chapas, mas sem qualquer disputa. A chapa Convenção Democrática, escolhida na pré-convenção, obteve mais de 80% dos votos. O que gerou maior discussão foi a pequena mobilização para a convenção e na luta pelas eleições diretas. Já na Convenção de Alagoas

o ex-senador Teotônio Vilela foi aclamado para presidente de honra do partido.

Em Goiás o deputado federal Tobias Alves, da ala "autêntica", foi eleito presidente do diretório. O Bloco Popular do PMDB, no dia anterior, realizou um Encontro Estadual, com a presença de cerca de 200 lideranças, para discutir a renovação do diretório. Aldo Arantes, coordenador do Bloco, foi indicado para a Executiva Regional e no seu pronunciamento defendeu a necessidade de fazer do PMDB "um instrumento de luta e mobilização popular para atingir o fim almejado por todo o povo - a derrubada do regime militar". (da sucursal)

Prefeitos conquistam mudanças tributárias

Apesar das ameaças do ministro Delfim Netto, do Planejamento, prefeitos e vereadores obtiveram uma pequena vitória no Congresso Nacional dia 23, alterando importantes aspectos da distribuição tributária no país. Foi aprovada uma proposta alternativa à emenda do senador Passos Porto, que tinha a simpatia unânime de prefeitos e vereadores brasileiros.

A proposta aprovada, embora não seja tão boa quanto a original, atende em parte às reivindicações dos municípios. Pelo substitutivo Passos Porto, os Estados e municípios teriam um acréscimo em sua arrecadação de aproximadamente Cr\$ 2,3 trilhões no próximo ano. A proposta aprovada garante um aumento de Cr\$ 2,4 trilhões, embora escalonados durante os próximos cinco anos.

Essa foi a fórmula encontrada pelos parlamentares para garantir a aprovação da mini-reforma tributária. O ministro Delfim Netto não aceitava a emenda Passos Porto, tendo ameaçado aumentar os impostos e majorar em 30% os combustíveis, caso ela fosse aprovada. Os parlamentares optaram, então, por uma fórmula alternativa.

REMENDOS NÃO BASTAM

Para o líder do PMDB, deputado Freitas Nobre, a proposta aprovada não é a melhor, mas foi a possível: "Nós defendemos uma reforma tributária global e de base. Não queremos apenas remendos como esse. No entanto, aceitamos votar este acordo para atender às necessidades urgentes dos Estados e municípios, que estão sufocados pela centralização econômica e tributária", explicou.

Nem todos os prefeitos foram a Brasília, pressionar pela aprovação da emenda Passos Porto, saíram satisfeitos com o acordo. "Eu achava melhor termos partido para o confronto, mesmo correndo o risco de uma derrota. Isso pelo menos teria sido importante para consolidar a união e a mobilização dos prefeitos em defesa dos interesses de seus municípios", afirmou o prefeito de Campinas, São Paulo, José Magalhães Teixeira.

O prefeito de Aragarças, em Goiás, Hélio Fernando, achou o acordo insuficiente: "Ele deixa muito a desejar. Mas foi o primeiro passo. Embora não seja o ideal, representa um avanço em relação à nossa grave situação atual". Na sua opinião, o mais importante foi a mobilização dos prefeitos: "Essa foi a nossa segunda caravana a Brasília, e isto é o reflexo do desespero e do sufoco em que vivem os municípios".

Para o prefeito de Aragarças, a luta pela reforma tributária está intimamente relacionada com a luta pela redemocratização do país: "Redistribuir a renda significa também descentralizar o poder, iniciando pela base e pelo fortalecimento municipal a verdadeira democratização que a nação almeja". (Moacyr Oliveira Filho, de Brasília)



Prefeitos de todas as regiões do país foram à Brasília, pressionar o Congresso.

Após o golpe, municípios são levados à mendicância

Há 20 anos, 11% a 12% do total dos impostos arrecadados no país iam para os municípios. Após o golpe militar, os generais mudaram essa situação. Em 1965 o marechal Castelo Branco baixou a Emenda Nº 18, a primeira de uma série de reformulações constitucionais centralizando no governo federal as verbas arrecadadas com os impostos. A ditadura forçou os Estados e municípios a recorrer à ajuda da União até para pequenos serviços, como o asfalto de ruas, ou para pagar o funcionalismo. Era uma forma de submeter governadores e prefeitos, dando um golpe na autonomia estadual e municipal.

O presidente do Instituto Brasileiro de Direito Tributário, Rui Barbosa Nogueira, conta que os Estados e municípios "foram ficando impossibilitados, dentro da estrutura do novo sistema tributário, de atender às responsabilidades dos encargos públicos que a Constituição, no entanto, continuou a lhes atribuir, reduzindo-os assim a figurar quase decorativos dentro da Federação".

MUNICÍPIOS FALIDOS

No dia 27 de setembro último, cerca de mil prefeitos e vereadores foram ter com o general Figueiredo, no Palácio do Planalto. Entregaram-lhe a "Carta dos Municípios", denunciando que suas cidades estavam com apenas 5% do total dos impostos arrecadados; os Estados, com 34,4%; e a União abocanhava 60,6% de todo o dinheiro!

"Os municípios estão falidos: os prefeitos transformaram-se em mendigos" desabafou o prefeito de Curitiba, Maurício Fruet. O orçamento de sua cidade, este ano, foi de Cr\$ 31,5 bilhões, quando apenas uma firma sediada na capital paranaense reco-

lheu para a União Cr\$ 48 bilhões de impostos. E a cidade deve Cr\$ 767 bilhões e 700 milhões ao exterior! Todas as cidades vivem problemas semelhantes. Para ficar só nas capitais: Goiânia tem um déficit de Cr\$ 31 bilhões, e arrecada Cr\$ 14 bilhões; São Paulo e Rio de Janeiro devem ter mais de Cr\$ 50 bilhões de déficit só este ano; Salvador deve fechar 1983 com Cr\$ 25 bilhões de déficit, e assim por diante...

Se os Estados e municípios estão desesperados com a situação, o mesmo não se dá com o governo militar. Pelo contrário, o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, afirmou que a legislação tributária em vigor "é inteligente, racional, lógica".

FIM DA MENDICÂNCIA

O governo federal não se limitou a centralizar o dinheiro em suas mãos. Isentou, ao seu bel prazer, várias atividades econômicas de impostos — beneficiando principalmente os grandes monopólios estrangeiros e nacionais. Além disso, ainda descarregou sobre os municípios encargos que eram da competência de outras esferas administrativas, como a manutenção do ensino do 1º grau, pagamento de despesas com Delegacias e Juntas de Serviço Militar, agências do IBGE, delegacias policiais, fórum, força pública etc.

Sem dotação orçamentária para cobrir as despesas, passou a vicejar nestas paragens, durante um certo tempo, uma nova máxima: "Prefeito bom é aquele que viaja em busca de recursos"... Com a vitória da oposição num número enorme de cidades e nos mais importantes Estados em 1962, os prefeitos pararam com a mendicância. Querem reconquistar a autonomia dos Estados e municípios. Exigem a reforma tributária. (Carlos Pompe)

FMI libera créditos mas mantém o sufoco da dívida

A direção do FMI liberou, terça-feira dia 22, 1,2 bilhão de dólares de crédito ao Brasil. Quarta-feira os governos credores, reunidos no Clube de Paris, aceitaram renegociar 3,8 bilhões de dólares da dívida brasileira. O capital imperialista retribui assim às medidas de arrocho do governo Figueiredo, como o 2.065, enquanto mantém o país no sufoco.

A tática de soltar dólares a conta-gotas, para que o Brasil nunca saia do estado pré-falimentar, foi aplicada em ambos os casos.

Em Washington, onde o FMI se reuniu, foi aprovada a chamada Carta de Intenções do governo brasileiro — prometendo drásticos cortes na taxa de inflação e na expansão dos meios de pagamento do país em 1984. Como se sabe que as três outras Cartas de Intenções remetidas antes foram desmentidas pelos fatos, e que os banqueiros do Fundo não são bobos, resta a explicação de que o FMI aprovou na realidade a política de arrocho contra os trabalhadores brasileiros, com destaque para o Decreto-Lei 2.065 de corte nos salários. No entanto, só foi liberada uma parcela nova de 400 milhões de dólares, mais outras duas antigas, que deveriam sair ao

longo de 1983 mas foram seguradas pelo fundo.

O dinheiro grosso — 6,5 bilhões de dólares, indispensáveis para fechar as contas de 1983 — ainda não saiu. Este deverá vir no máximo às vésperas do Natal, de cerca de 800 bancos privados das mais diferentes potências capitalistas, com destaque para os EUA. E ainda que saia de fato, o que não é garantido, deixará o Brasil na mesma situação de um ano atrás: sem um tostão de reservas em caixa, mendigando a cada semana novos "empréstimos-ponte" e, regime de urgência para pagar dívidas vencidas.

UMA "PEQUENA DIFERENÇA"

Mais incrível e vexatório para o Brasil foi o resultado da reunião do Clube de Paris. Participaram deste seleto conclave representantes dos 16 governos que têm dinheiro emprestado aqui. E apenas ali o governo brasileiro foi informado de que havia uma "pequena diferença" nas contas da dívida a ser renegociada: não eram 2,3 bilhões de dólares, como se pensava em Brasília, mas 3,8 bilhões.

A "pequena diferença" de 1,5 bilhão de dólares equivale a três vezes o déficit da Previdência Social este ano, para se ter uma idéia.

E a nação brasileira não tem sequer mecanismos para investigar se deve mesmo esse dinheiro — um fato que reforça a posição dos que defendem a suspensão do pagamento da dívida externa até que os brasileiros investiguem e se pronunciem sobre a questão.

O fato é que os 3,8 bilhões de dólares foram renegociados em Paris e que este resultado chegou a ser apresentado como "muito satisfatório" pelo ministro da Fazenda Ernane Galvêas. Do total, 85% serão pagos com cinco anos de carência e 15% com um ano de carência. Enquanto isso, os juros continuarão se acumulando — o que significa que ao final não serão mais 3,8 bilhões e sim cerca de 8 bilhões de dólares...

"FELIZ E CONTENTE"...

Assim caminha a dívida brasileira. Para o ano que vem, anuncia-se uma continuidade do suplicio, apenas em proporções mais elevadas, com parcelas ainda maiores para pagar e a nação já esgotada por três anos consecutivos de recessão, desemprego e hiperinflação. Assim não deixam de soar com um acento macabro as palavras do ministro Galvêas quando, após as negociações, declarou-se "feliz e contente".

Governo intervém no Sindicato de Sta. Luzia

Para evitar a vitória da Chapa 2 — encabeçada por Zé Pedro, Osvaldo e Nonatinho — no segundo escrutínio a ser realizado até o fim deste mês, o delegado regional do trabalho resolveu intervir no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia, no Maranhão. A Chapa 2, que representa a massa camponesa contra o pelego, foi vitoriosa na primeira eleição.

A portaria de intervenção justificava a medida alegando "interferência de pessoas estranhas ao quadro social". Na realidade, as pessoas estranhas que interferiram no processo eleitoral foram as centenas de soldados do Batalhão de Infantaria da Selva (BIS) de Imperatriz, as dezenas de funcionários do Getat e da Polícia Federal, as dezenas de soldados da PM, a prefeitura e os vereadores do PDS, entre outros. Estes intrusos criaram um clima de guerra em Santa Luzia. Para amedrontar os camponeses, chegaram a dizer que, se a Chapa 2 fosse vitoriosa, o governo federal decretaria estado de emergência no município. E invadiram as seções eleito-

rais consideradas redutos eleitorais da Chapa 2. Em Buriticupu, por exemplo, quando o fiscal da Chapa, Chico Mundoca, pediu que o pessoal da PF e do Getat se retirasse do recinto de votação, foi brutalmente ameaçado. Na sede do Sindicato, os lavradores que diziam ter votado na Chapa 2 eram provocados pelos policiais — dois chegaram inclusive a ser presos.

CHAPA DOS CAMPONESES

O fundo da questão é que os latifundiários e o governo não querem permitir que o Sindicato Rural de Santa Luzia passe para as mãos de sindicalistas comprometidos com os interesses e com as lutas dos cam-



Trabalhadores rurais de Santa Luzia: sem direito de escolher seus representantes

poneses e dos trabalhadores rurais. E apesar de todo o arbítrio, a chapa dos camponeses, a Chapa 2, venceu na primeira convocação e venceria seguramente na segunda, marcada por edital para 15 dias após.

A população camponesa ficou escandalizada com a aliança entre os pelegos Honorato Santana, Esmeraldo Ferreira e outros, com os órgãos de repressão do governo. A opinião geral é de que os trabalhadores sindicalizados são capazes de resolver os seus próprios problemas sem interferências do governo e da polícia.

A portaria da DRT esclarece que "considera a denúncia apresentada por Honorato Santana, objetivando a suspensão do pleito em segunda convocação e a designação de uma Junta Governativa ou Administrativa para proceder a uma completa revisão do quadro social..."

Honorato foi o presidente até agora, também o articulador da Chapa 1, dos fazendeiros e dos grileiros, e quem pediu a intervenção visando a uma "limpeza no sindicato", ou seja, eliminar do quadro social a maior parte dos associados porque apóiam a Chapa 2.

Segundo a portaria da DRT, a intervenção é por 96 dias e o próximo pleito só se realizará dia 26 de fevereiro. Mas tudo indica que novamente os camponeses derrotarão os pelegos. O que ocorre em Santa Luzia é semelhante ao que houve em Conceição do Araguaia, no Sul do Pará. Tanto lá como no Maranhão, os lavradores estão dispostos a desafiar todas as dificuldades para conquistar suas entidades e seus direitos.

(da sucursal)

Dia da Consciência Negra reúne 2 mil em Salvador

Com a participação de cerca de 2 mil pessoas, em Salvador, diversos grupos e entidades negras da Bahia comemoraram o Dia Nacional da Consciência Negra. Na ocasião, foi lida uma nota do Comitê de Anistia e Direitos Humanos saudando a data. A promoção deveu-se aos blocos afros e ao Movimento Negro Unificado (MNU).

A Semana da Consciência Negra realizou-se na Bahia entre 16 e 21 de novembro, sendo muito lembrada a morte de Zumbi, chefe e herói da República de Palmares.

Representando o grupo de negros do bairro do nordeste de Amaralina, Nilvaldino Félix de Menezes destacou que "a discriminação social é fruto de uma classe dominante racista, que promove todo tipo de massacre contra o negro". Falando à Tribuna Operária, ele afirmou que a finalidade maior das organizações negras é chegar ao socialismo "para terminar com todos os tipos de discriminação e opressão".

Os negros na Bahia cada vez mais se organizam nos bairros para discutir os seus problemas, seja através de blocos carnavalescos, grupos ou entidades. No último encontro que realizaram, em agosto deste ano, estas organizações aprovaram a resolução de transformar os blocos carnavalescos em entidades culturais para que se faça um trabalho permanente com a comunidade negra. Aprovaram também um protesto contra a Bahiatursa, órgão oficial do Estado que comercializa

Dom Pelé agora é Dom Zumbi

Ao celebrar uma missa no topo da Serra da Barriga, em União dos Palmares, Alagoas, o bispo de João Pessoa, D. José Maria Pires, aceitou ser rebatizado em seu apelido. Ele era conhecido como Dom Pelé, mas agora é Dom Zumbi, em homenagem ao herói.

O dia 20 de novembro é o Dia Nacional da Consciência Negra e marca a data em que, após quase um século de resistência dos escravos, a República dos Palmares foi massacrada pela expedição de Domingos Jorge Velho.

As comemorações em Alagoas tiveram o ponto alto na Serra da Barriga, onde ficava o quilombo. Além do povo do lugar, participaram representantes dos movimentos negros, estudiosos, historiadores etc.

Dom Zumbi afirmou que a epopéia de Palmares é mal conhecida porque: "Se é verdade que a História é construída pelos povos, também é verdade que



Dom Pelé foi rebatizado como Dom Zumbi

ela é escrita pelas mãos das classes dominantes, e a estas não interessa divulgar as lutas de libertação dos povos. Preferem ensinar às nossas crianças que a liberdade e a independência são resultado de decretos, proclamações, gritos isolados, acordos, apertos de mão ou coisa assim, concessões de dominadores benevolentes". (da sucursal).

o turismo, pelo modo como vem tratando os blocos negros. Durante o carnaval de 1984, ao passarem diante do palanque oficial, todos os blocos farão um minuto de silêncio como forma de protesto.

Na manifestação da Sé, além dos pronunciamentos houve um bonito espetáculo com música, dança e apresentação de diversos blocos e grupos. (Luiz Sérgio Rocha-da sucursal).

Tribuna inaugura nova sucursal na Paraíba

A inauguração da nova sede da Tribuna Operária em Campina Grande, na Paraíba, transformou-se num acontecimento de importância política. Entre as mais de 300 pessoas que lotaram a sala, havia diversas personalidades, como o ex-candidato a governador da Paraíba pelo PMDB nas eleições de 15 de novembro de 1982, Antônio Mariz, e o presidente do Diretório Regional do PMDB, Humberto Lucena.

A inauguração da sede vem rendendo frutos. Ainda recentemente a sucursal promoveu um debate com o dirigente comunista Dyneas Aguiar, que falou sobre a situação política atual, a proposta do governo provisório e a luta pela legalidade dos partidos clandestinos, inclusive o Partido Comunista do Brasil.

No dia 23, foi realizado um debate sobre o Conclat e a questão da



Inauguração da sucursal em Campina Grande

unidade do movimento sindical. E no dia 25, a poetisa Graça Marques de Freitas dará um recital, ao mesmo tempo em que será lançado o

livro "Eurocomunismo é Anticomunismo", de autoria de Enver Hoxha, dirigente do Partido do Trabalho da Albânia.

Exército na rua contra estudantes, em Aracaju

O Exército ocupou as ruas de Aracaju nesta quarta-feira, para impedir uma manifestação de universitários pela meia passagem. Configurou-se, assim, uma verdadeira intervenção branca. O governador pedessista, João Alves Filho, não se pronunciou, enquanto o Secretário de Segurança Pública declarava que não permitiria a ação de "agitadores" na cidade.

Tudo começou no "campus" universitário, num ato público convocado pelo DCE para protestar contra o último aumento do preço das passagens de ônibus e para iniciar a luta pela meia passagem.

O preço da passagem de ônibus urbano subiu de 90 para 110 cruzeiros em Aracaju, onde o salário mínimo é o menor do país. Ainda no "campus", os estudantes picharam os ônibus com frases contra o aumento e pela meia passagem. De lá, dirigiram-se para o centro da cidade, pulando as catracas e convocando os passageiros e os populares em geral a engrossar o ato.

Logo aos primeiros pronunciamentos dos estudantes contra tal abuso, os populares que se encontravam no ponto de ônibus do parque (onde se realizaria o ato), engrossaram o protesto, reunindo 6 mil pessoas.

CHUVA DE PEDRAS

Em meio à agitação, entre falações e pichações, os estudantes e populares entravam nos ônibus explicando aos



A manifestação estudantil terminou em quebra-quebra de ônibus

usuários as razões da manifestação e o porquê do aumento — que é fruto do monopólio dos transportes coletivos por apenas duas empresas, a Fátima e a Progresso, com o consentimento do prefeito da cidade, Heráclito Rolemberg.

Então, atiraram a primeira pedra, estilhaçando todo o pára-brisa do ônibus que se encontrava no local. Foi o bastante para que os presentes comessem a apedrejar os 9 ônibus ali localizados. Segundo os empresários, os prejuízos foram da ordem de 120 milhões de cruzeiros.

A LUTA PROSEGUE

Quando a polícia chegou, a multidão já havia se dispersado e restavam apenas alguns curiosos e passantes. Mesmo assim, houve detenções.

Isolado, totalmente descreditado pela população devido a sua má administração, o prefeito foi à televisão afir-

mar que os preços eram justos e não seriam rebaixados. Chegou ao cúmulo de acusar levemente dois vereadores do PMDB que nada tiveram com o quebra-quebra e nem sequer estavam presentes à manifestação. O governador, por sua vez, foi à imprensa vociferar que reprimirá toda e qualquer ação popular. As empresas deixaram de fazer os coletivos circularem no "campus" e a polícia provocou os estudantes.

Mas nem essas ações, nem o rosar das autoridades podem conter o avanço do movimento popular. O DCE já convocou uma assembléia geral para dar continuidade à luta. Segundo o presidente da entidade, Alvaro Vilela, "a luta pela meia passagem e contra os aumentos é árdua e não vai ser dádiva de nenhum prefeito 'bonzinho'; sua conquista será fruto do combate ferrenho dos que querem barrá-la". (Núcleo da TO na UFS-Aracaju, Sergipe).

Legalização do PC do B conquista novos apoios

A proibição do ato pela legalização do Partido Comunista do Brasil que deveria realizar-se no dia 28 de outubro, na Assembleia Legislativa de São Paulo, continua merecendo o repúdio dos democratas e patriotas. Sérgio Barroso, diretor do Sindicato dos Médicos de Alagoas, de clarou a respeito: "Qualquer sindicalista comprometido com a luta por liberdades políticas e sindicais deve se pronunciar não só pela legalidade do PC do Brasil, como de todas as correntes políticas que hoje estão na clan-

destinidade e almejam defender suas posições para que o povo julgue abertamente".

O Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de São Paulo enviou uma nota à Comissão Organizadora do Ato afirmando: "No momento em que o povo brasileiro reafirma sua convicção na busca de soluções para os graves problemas que afligem a Nação, todos os segmentos da sociedade têm o direito de ocupar livremente o seu lugar, através de seus partidos

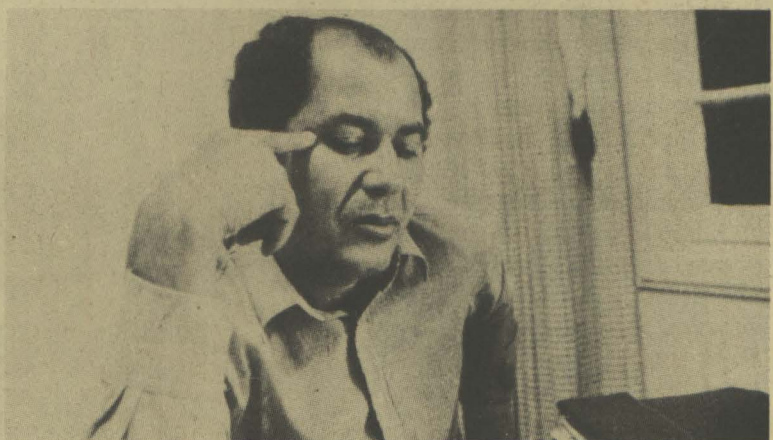
organizados". E o presidente da Federação dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, Francisco Del Prá, considerou a proibição "uma arbitrariedade num país onde se prega a democracia".

A Câmara Municipal de Anápolis (Goiás) enviou nota protestando contra o cancelamento do ato e em apoio à legalização do PC do Brasil. E 51 entidades secundaristas reunidas em Coneg também se solidarizaram com a campanha de legalização do PC do Brasil.

Ganha força a Reforma Agrária, em MG

"Peço desculpas porque não sei falar. Mas vou falar mais um pouquinho da minha gente lá de Cachoeirinha". Com estas palavras "Seu" Jave, possessor do Norte de Minas, sob aplausos vigorosos, falou no lançamento da campanha pela reforma agrária em Minas Gerais, no último dia 18. "Tem 17 anos que estou sofrendo, passando fome e estou aqui com meus companheiros. Sessenta e quatro crianças morreram doentes debaixo das árvores porque nós fomos expulsos da terra, e seis companheiros morreram na luta" — continuou ele.

No Estado existem hoje 36 conflitos pela terra, envolvendo 3.200 famílias. E esta realidade dramática atraiu para o lançamento da campanha da reforma agrária mais de 600 pessoas — trabalhadores rurais na maio-



José Francisco apoiou a campanha pela reforma agrária

ria, sindicalistas urbanos, parlamentares, representantes dos partidos, da Igreja e autoridades do governo estadual.

José Francisco, presidente da Contag, falou no encerramento do ato ressaltando o avanço da luta e da consciência dos trabalhadores rurais: "São mais de 300 áreas de conflito no país, com mais de

200 mil pessoas. Esses conflitos estão crescendo, mas os despejos estão diminuindo porque está havendo luta. Os trabalhadores já conseguiram tomar consciência da necessidade de uma campanha a nível nacional em relação à reforma agrária, e da derrubada desse regime autoritário que aí está". (da sucursal).

Professores elegem nova diretoria

Realizaram-se no dia 18 de novembro as eleições para o Sindicato dos Professores de Juiz de Fora, Minas Gerais.

A Chapa 2, Reconstrução, embora vitoriosa, teve um voto a menos do que o exigido para a ratificação de sua vitória definitiva. A categoria tem cerca de 3.500 professores, dos quais 800 são sindicalizados; destes, 366 votaram, sendo que a Chapa 2

obteve 183 votos, a Chapa 1, 177 e a Chapa 3, apenas 57.

A Chapa 1, representando a atual diretoria, pouco fez para defender os direitos dos professores. A Chapa 3, formada de última hora com elementos de apenas uma escola, não tem praticamente nenhuma participação sindical. A Chapa 2 quer "tornar o Sindicato aberto, democrático e combativo para acabar

com o imobilismo, criando canais através dos quais a categoria participe, se organize e se fortaleça na defesa de suas reivindicações". O segundo escrutínio será dia 5 de dezembro, quando os professores terão oportunidade de colocar à frente do Sindicato uma diretoria comprometida com os interesses da categoria.

(da sucursal)



Grevistas em assembléia discutem a greve contra o INAMPS

Grevistas de Alagoas derrotam o Inamps

Depois de 16 dias de greve, os médicos de Alagoas voltaram ao trabalho de cabeça erguida, no dia 23. Eles conquistaram, após uma audiência com o ministro Passarinho, a suspensão do famigerado plano do Conasp em Alagoas e, desta forma, abriram caminho para a extensão da medida para todo o país. Aos gritos de "vitória", a paralisação foi encerrada.

Na assembléia que decidiu pelo fim da paralisação, o clima era de entusiasmo. Afinal, os médicos alagoanos conseguiram pôr abaixo um plano governamental que prevê drástica redução dos serviços de assistência médico-hospitalar do Inamps e o rebaixamento da remuneração dos médicos credenciados pelo órgão. Isto só foi possível devido a uma greve marcada pela mais sólida unidade, abnegação e correta direção política — dos 1.700 médicos do Estado, 1.200 pararam. O movimento recebeu ainda o apoio de todos os setores sociais e a simpatia geral da população, que não foi aos

postos do Inamps durante a greve.

Particularmente na última semana, a paralisação ganhou uma nova qualidade: adquiriu um caráter nitidamente político, de combate à orientação econômica e social do regime militar, e unificou toda a classe. Aderiram ao movimento — que até então só mobilizava os credenciados no Inamps, os mais prejudicados — os médicos contratados da previdência e os do Estado. Neste estado de greve geral que, as entidades — Sindicato, Sociedade de Medicina e Unimed-Maceió — conseguiram a audiência com o ministro da Previdência. Nela, Passarinho prometeu suspender o Conasp em Alagoas. Mesmo assim, na assembléia houve quem quisesse continuar a paralisação: "Não dá para acreditar em promessa de ministro", argumentavam. Nesta hora o presidente do Sindicato, Júlio Bandeira, recebeu um telefonema de Brasília confirmando: o plano do Conasp estava suspenso em Alagoas, o primeiro Estado em que isso ocorreu. Sob euforia geral, o fim da greve foi aprovado por aclamação.

ALASTRAR PELO PAÍS

A greve representou um grande avanço para a categoria, conforme ressaltaram os oradores. Sérgio Barroso, diretor do Sindicato dos Médicos e membro do Conclat, levantou a assembléia ao afirmar que a mobilização "nos mostra claramente que o caminho, nosso e do nosso povo, é o da luta decidida, consciente e organizada. Mostra também que o caráter da nossa luta é político".

O cardiologista José Wanderley alertou: "consequimos evitar o pior. Agora precisamos continuar a luta por uma assistência previdenciária digna e decente". José Oscar de Melo, da Federação Nacional dos Médicos, ressaltou: "É fundamental que a luta pioneira de Alagoas se alastre por todo o país, embalada pela vitória". Muito abraçado, Júlio Bandeira afirmou: "Nossa greve fez surgir uma nova mentalidade, de união de forças contra o inimigo comum. Identificamos as origens da crise previdenciária: elas estão na política econômica do governo, nos acordos com o FMI e no regime político autoritário". (da sucursal).

Famílias ocupam prédios abandonados, em S. Paulo

Na madrugada do dia 19, dois conjuntos de apartamentos — um na zona Leste de São Paulo e outro em Santo André, no ABC paulista — foram ocupados por famílias de trabalhadores que, sem poder pagar os altos preços dos aluguéis, ocuparam os prédios abandonados. Agora, querem negociar os apartamentos por preços acessíveis a seus salários.

À zero hora de sábado, as 96 famílias chegaram em caminhões, automóveis ou até em carinhos de mão, levando sua mudança para o conjunto habitacional do Ipesp, na zona Leste de São Paulo. Em 20 minutos, todos se instalaram nos apartamentos de três quartos que estavam abandonados há 32 meses. Imediatamente, foram organizadas comissões de segurança e relações públicas. Na noite de domingo, os ocupantes que estavam de vigia soltaram um foguete de alerta, e em 30 segundos todos os moradores estavam reunidos.

Jesus Tafinel, joalheiro desempregado há um ano e meio, um dos novos moradores do conjunto do Ipesp, explica que a maioria das famílias ali pagava aluguel e já estava ameaçada de despejo

e que "tem um bocado de gente aqui que está passando fome. Muitos não têm dinheiro nem para trazer o resto da mudança. Todos os vizinhos procuram ajudar uns aos outros".

"TODOS QUEREM UMA CASA"

O joalheiro Tafinel diz que está se alimentando porque sua esposa, que é professora municipal, está trabalhando. Há casos piores ainda, como o de uma baiana que pagava Cr\$ 40 mil de aluguel por um cômodo, enquanto seu marido ganhava Cr\$ 50 mil; estavam passando fome. "A gente está sentindo muito bem aqui — afirma ela. De maneira nenhuma nós não vamos sair daqui. Ir pra on-



Famílias trazem suas mudanças para o prédio ocupado no bairro Campestre, em Santo André



Jesus: "Muita gente com fome" de? debaixo do viaduto?"



Marcelo: "Queremos comprar"

Em Santo André, os ocupantes — a maioria de operários e desempregados —

entraram em três prédios com 15 apartamentos cada, abandonados há mais de cinco anos. Marcelo Toledo afirma que não irão sair do prédio ocupado "porque não temos para onde ir. Nós entramos aqui com o propósito de adquirir os apartamentos, mas dentro das condições que cada um possa pagar".

É a segunda ocupação de prédios no município de Santo André. A primeira foi no Centreville, onde hoje moram mais de 500 famílias. Baseando-se no sucesso que os moradores do Centreville obtiveram, as trinta e poucas famílias que ocuparam o conjunto no bairro Campestre estão dispostas a não arredar o pé de suas novas moradias: "Nós vamos sair daqui só se derrubar a casa em cima de nós", afirmou um deles.

Também ali, a situação de miséria foi o que empurrou os moradores para a ocupação. Um pedreiro que morava num porão e pagava Cr\$ 15 mil por mês, explica: "Aqui, pra mim, está mais do que bom. Quando não arrumava serviço, não tinha nem comida para meus filhos. Eu acho que todo mundo que não tem casa pensa em adquirir uma. Eu não sei quando ia ter uma se não entrasse aqui. Quem sabe se eu ganhasse na loteria".

GRANDE ESPÍRITO DE UNIÃO

Nos dois conjuntos ocupados, o espírito de união é muito grande, tanto para o trabalho quanto para a defesa da sua moradia. Uma empregada doméstica, no conjunto do Ipesp, explica que trabalharam três noites sem dormir: "Todo mundo está ajudando um ao outro. Sempre lutei pra ter uma casa própria, mas nunca consegui porque a gente ganha pouco. Aqui nós queremos vencer".

(Domingos Abreu)



O cinegrafista derrubado para não filmar a brutalidade policial.

Violências da PM em Porto Alegre

O vereador Valneri Antunes foi agredido, arrastado por mais de 200 metros e levado para o Presídio Central de Porto Alegre pela Brigada Militar. O cinegrafista Zeno Zielinski, da RBS-TV, levou um empurrão e uma rasteira. O "crime" do vereador foi defender trabalhadores que exigem um teto para morar; o do cinegrafista, documentar a violência.

O começo de tudo foi no domingo, dia 20, quando 50 famílias, que logo passaram a 100, invadiram um terreno na estrada Eduardo Prado, no bairro Cavalhada, em Porto Alegre, abandonado há 12 anos.

Na terça-feira, a Polícia Militar deslocou-se para a região, com dois oficiais de justiça, com ordens para desalojar os moradores, que já começavam a erguer seus barracos. Por volta das 15 horas, começaram as violências, com os policiais tentando pôr abaixo os barracos, mas encontrando viva resistência dos trabalhadores. Também estiveram no local diversos representantes das associações de bairro de Porto Alegre (Fracab), da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, da Igreja, tentando impedir o uso da violência contra os invasores do terreno.

Quando, apesar de tudo, a PM investiu contra os trabalhadores, o vereador Valneri Antunes, do PDT, colocou-se à frente de um baraco, sendo então agredido por mais de dez brigadianos que o arrastaram para o camburão. E dali foi para o Presídio Central, de onde só saiu na madrugada de quarta-feira, com a barba cortada, sinal da truculência de que foi vítima.

Na hora das agressões, o cinegrafista Zeno Zielinski foi derrubado com a câmera, e ferido nas costas. O motorista da TV, sem que ninguém percebesse, pegou a câmera e filmou toda a cena de brutalidade.

Metalúrgicos da Mendes Júnior em greve, na Bahia

Os três mil metalúrgicos do estaleiro da Construtora Mendes Júnior, em Candeias, na Bahia, entraram em greve na manhã do dia 23 contra a ameaça de demissões feita pela empresa. Os grevistas reivindicam estabilidade de um ano para todos os operários e o cumprimento de todas as conquistas da convenção coletiva, já que a firma as desrespeita.

A Construtora Mendes Júnior, uma das maiores do ramo na América do Sul, anunciou há alguns dias que dispensaria uns 2.500 empregados. Imediatamente, a direção do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia se deslocou para a porta do estaleiro para preparar a resistência dos

operários. Numa das assembléias, Renildo Souza, secretário geral do Sindicato, clamou os trabalhadores a darem um não ao desemprego, partindo para a greve. João Passos, veterano sindicalista, cego pela tortura do regime militar, também defendeu a paralisação e desta-

cou que "é necessário se unir contra os exploradores". Na quarta-feira, as máquinas amanheceram desligadas, com os grevistas exigindo estabilidade, cumprimento das determinações da convenção coletiva (a empresa não paga os 25% do adicional de turno) e melhoria das condições de trabalho.

São inúmeras as irregularidades da empresa, que, segundo um monador, "para enriquecer, tira o suor e o sangue dos operários". A ro-

tatividade é utilizada em alta escala para rebaixar os salários. Não há água para beber e a alimentação é das piores. "Não presta nem para cachorro". A firma se utiliza de inúmeros chefes-carrascos, como o Guerra, gerente administrativo do estaleiro, o qual recentemente prometeu cachaça aos operários que mantivessem a alta produtividade. "Será que nós e nossas famílias vivemos de cachaça?", pergunta um metalúrgico.

(da sucursal)



Molina, em frente ao Citibank, protesta contra sua demissão.

Bancários exigem a readmissão de Molina

No dia 24 de novembro, na porta do Citibank, em pleno centro de São Paulo, um animado comício atraiu a atenção dos trabalhadores. Vários líderes sindicais, entidades estudantis e populares e parlamentares marcaram seu protesto contra a repressão desencadeada pelo banco contra os direitos sindicais de seus funcionários.

Foi um ato de solidariedade ao companheiro José Molina, diretor cassado do Sindicato dos Bancários de São Paulo, que após intensa perseguição da empresa foi demitido, mesmo gozando de estabilidade de acordo com a lei.

A Tribuna Operária ouviu as declarações de repúdio ao Citibank, como a de Jamil Murad, diretor do Sindicato dos

Médicos que participou do comício: "Esse é mais um mecanismo de repressão que os banqueiros e os imperialistas usam para tentar refrear a luta do povo". O vereador Arnaldo Alves, do PMDB, analisou a situação: "Isso faz parte de uma política mais geral, do governo em aliança com os banqueiros, para coagir a liberdade de participação dos trabalhadores".

AÇÃO IMPERIALISTA

Paulo Soler, diretor também cassado dos Metalúrgicos de São Paulo, estava revoltado: "Esse é um reflexo da ação do imperialismo americano no Brasil, da ação dos testas-de-ferro".

José Molina, o sindicalista demitido, não se intimidou: "Nossa demissão abre um precedente perigoso de repres-

são e arbítrio. Promovemos um abaixo-assinado que já conta com a adesão de vários setores da sociedade, como o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, Mário Covas, prefeito de São Paulo, Devanir Ribeiro do PT, do Diretório Regional do PDT, de Raimundo Faoro da OAB, da Confederação Nacional dos Trabalhadores Uruguaios, da UNE, da UBES, do Sindicatos dos Metalúrgicos."

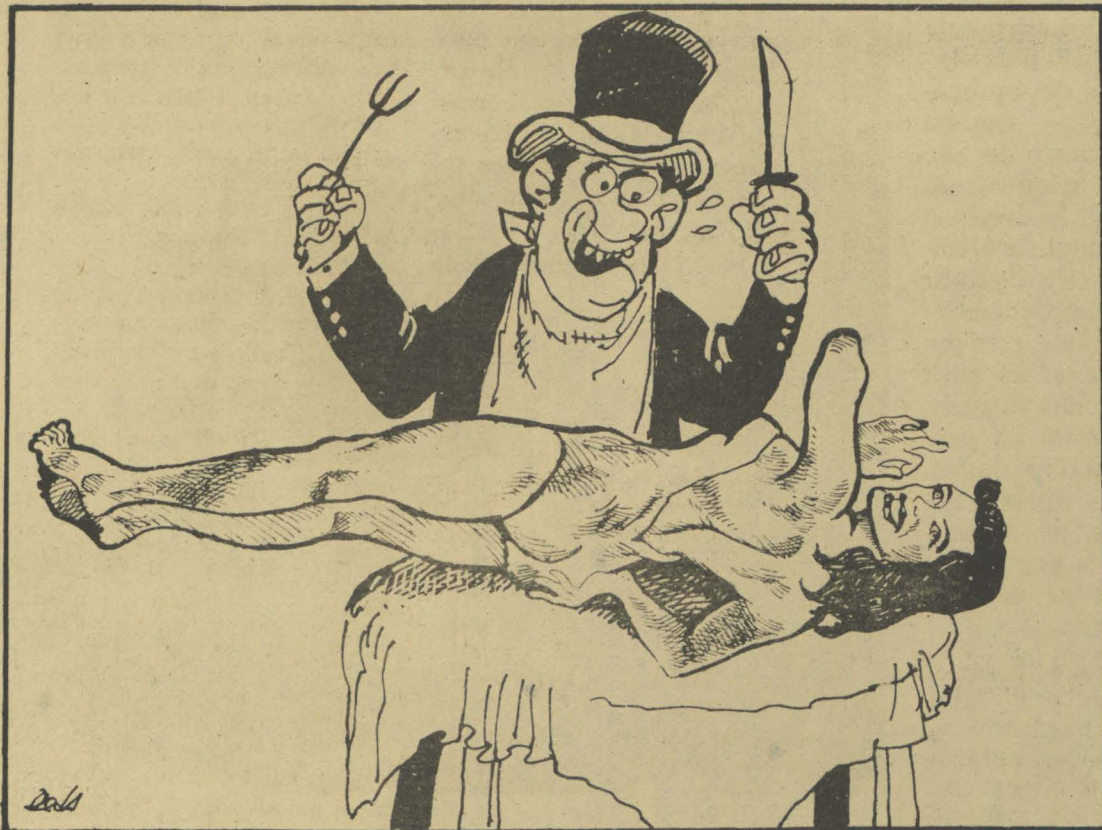
Walter Shiavon, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, trouxe o apoio de sua diretoria: "A reintegração desse companheiro é uma luta de todos trabalhadores brasileiros. Não só eu, mas a minha diretoria vai lutar pelo retorno desse companheiro ao trabalho".

MinasCaixa proíbe a admissão de mulheres

A Empresa Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, mais conhecida como MinasCaixa, adotou uma política muito suja com relação aos seus funcionários. Esta empresa acabou com os concursos para pessoas com idade superior a 18 anos, alegando que esta medida era para evitar a entrada de mulheres na MinasCaixa. Segundo os dirigentes, os homens produzem muito mais que as mulheres, pois os seres humanos do sexo feminino têm problemas que trazem prejuízos, como gravidez, por exemplo.

Na realidade, foi uma manobra muito bem feita por esta empresa que criou o Concurso para Mensageiros, já que estes efetuam as mesmas tarefas de qualquer outro funcionário admitido de acordo com o antigo sistema de concurso. Com esta jogada, a Minas Caixa economiza milhões de cruzeiros, já que paga apenas o salário mínimo para os mensageiros.

A MinasCaixa derrubou dois coelhos de uma pedra só. Primeiro porque evita a entrada de mulheres e



segundo porque economiza milhões com a jogada dos mensageiros.

Como funcionário desta empresa, sinto-me envergonhado, pois não acho justo o mensageiro efetuar as funções de qualquer ou-

tro funcionário e receber tão pouco. Quanto às mulheres, é uma discriminação que não deve existir, pois elas têm os mesmos direitos e a mesma capacidade de qualquer ser humano do sexo masculino.

Os operários de nosso país lutam para acabar com as injustiças cometidas pelos patrões e acredito que, em breve, dias melhores brilhariam para todos os brasileiros. (J.S.-Funcionário da MinasCaixa-Minas Gerais).

PM espanca e agride populares

O povo do Conjunto Tibiri II vive atemorizado com a violência de um soldado da Polícia Militar e com os desmandos de seus comandantes.

Quando no ato da entrega das chaves aos mutuários do referido conjunto, eu, como cidadão, fiquei em pânico ao ver o soldado

Coelho distribuindo cacetadas a torto e a direito. Presenciei o soldado dar uma cacetada nos seios de uma senhora, que agora está ameaçada de perder uma mama devido à pancada.

E as barbaridades do soldado não param aí. O povo sofreu as consequências da falta d'água por mais de

quatro meses. Quando fomos num ato pedir a ligação do líquido precioso, estávamos em fila, cerca de 200 pessoas. Chega o referido soldado e por conta própria diz que os pedidos a partir daquele momento seriam feitos no conjunto Madureira. Um trabalhador afirmou que aquilo não era

certo, que o conjunto Madureira era muito distante. Foi o bastante para que o delinquente Coelho pulasse o muro da sede da Cagepa e desse um tremendo murro no rosto do cidadão. Em seguida algemou o popular, colocou-o numa kombi da Cagepa e levou-o para o xadrez. O rapaz só foi solto devido à interferência do pessoal do conjunto.

O povo ficou tão revoltado que começou um abaixo-assinado exigindo punição do policial. Vendo que isto não ocorria os populares tentaram linchá-lo. Foi necessária a presença de duas viaturas de polícia para proteger o marginal.

Pobres das mulheres que eram freqüentemente agredidas pelo soldado Coelho quando iam buscar água, sendo muitas vezes presas e algemadas! Elas agora viram um cidadão ser preso, levar um soco no rosto e o soldado continuar impune.

As mulheres e o povo em geral estão pedindo a expulsão do policial marginal. O povo não é saco de pancada que apanha e fica calado. Mas cedo ou mais tarde o povo vai explodir. (J.A. Santa Rita de Cássia, Paraíba).



Estamos de panela vazia e revoltados

Sou um funcionário da FEBEM (Fundação do Bem-Estar do Menor) no Maranhão. Quero tornar públicos fatos que vêm ocorrendo nesta repartição.

Os funcionários estão passando as maiores dificuldades, chegando ao ponto de nem terem dinheiro para comprar pão, quanto mais para a passagem de ônibus para o trabalho. Mas mesmo assim, com atraso de mais de um mês nos salários, a diretoria da Fundação obriga os funcionários a comparecerem ao serviço.

Agora eles colocaram um ônibus que vai apanhar os funcionários para irem trabalhar, mas não os leva de volta para suas residências.

Existe uma Associação que não faz nada para representar seus associados. Companheiros: precisamos nos unir para mostrar a esse governo estúpido e corrupto do sr. Luís Rocha (PDS) que os funcionários precisam se alimentar. (um leitor da TO-São Luís, Maranhão).

Feirantes de Bacabal criam sua associação

No dia 3 de novembro último foi empossada a primeira diretoria da Associação Profissional do Comércio Varejista de Feirantes de Bacabal, numa solenidade que contou com a presença de várias pessoas da categoria, bem como representantes dos Sindicatos dos Trabalhadores no Comércio, dos Arrumadores, da Construção Civil, das Associações dos Contabilistas e dos Enfermeiros, da Associação Comunitária do Bairro da Esperança, da Associação dos Motoristas e da União Artística e Operária. Também compareceu o vereador do PMDB Francisco Lira.

O presidente empossado, José dos Santos, fazendo uso da palavra assumiu o compromisso de lutar pela união da categoria e pelos



O presidente, José dos Santos

interesses da mesma, principalmente no momento atual em que a política econômica do governo vem atingindo de forma violenta as classes trabalhadoras. As entidades presentes expressaram o desejo de colaborar com a nova entidade. (do correspondente em Bacabal, Maranhão).

Diretor expulsa formandos

Nós, formandos da Escola de 1º e 2º Graus Leonor Mendes de Barros, na nossa festa de encerramento do curso, fomos expulsos do pátio da escola pelos proprietários do estabelecimento. Eles alegaram que nossa reunião "não era de boa fé"

e nos agrediram moralmente, embora tivéssemos permitido o ato. Além da indignação causada por este ato arbitrário, cresce a insatisfação dos alunos quanto à Escola. (formandos de 1983-São Paulo, SP)

Gringo atira em pescador de camarão

O canadense Jackson conseguiu estabelecer um projeto de criação de camarões em Aracati, Ceará. Segundo denúncia de um morador, este canadense vendia os camarões e jogava fora as cabeças. A situação de miséria levou a população pobre a buscar estas cabeças, jogadas no lixo, que eram transformadas em sopa para saciar a fome.

Atualmente, o canadense não permite mais que o povo pegue este lixo para se alimentar. Decidiu devolver as cabeças para os locais de criação. O morador pediu que fossem feitas mais duas denúncias: que o canadense utiliza redes de malhas finíssimas, que permite pegar o camarão pequeno para alimentar sua criação, o que dá grandes lucros, mas é proibido; o canadense deu ordens aos guardas da criação para tirar caso alguma pessoa tentasse pescar ao redor. Como era de se esperar, um pescador, ao fazê-lo, foi atingido por uma bala do canadense. (um amigo da TO em Aracati, Ceará).

Um funcionário da MinasCaixa denuncia neste número a discriminação do banco em relação às mulheres e à contratação de mensageiros com salários irrisórios para cumprir as mesmas funções dos demais. Duas forças de exploração em que os banqueiros não pagam os direitos dos trabalhadores (como licença maternidade, no caso das mulheres) nem salários condignos.

Por outro lado, professores, funcionários e alunos da URNE conseguiram uma importante vitória mantendo-se unidos e expulsando o Reitor. Um exemplo que merece ser estudado. (Olívia Rangel).



fala o POVO

URNE dá passo adiante em sua democratização

Reunidos em assembléia geral, com participação do próprio reitor, os professores, alunos e funcionários da Universidade Regional do Nordeste deram, no dia 14 de novembro, um passo de grande importância na luta pela redemocratização da URNE.

O intransigente e antidemocrático reitor Sérgio Dantas Carneiro ficou acuado diante das pressões exercidas pelos professores, funcionários e alunos, que exigiam democratização da entidade e denunciaram atos de perseguição política e ideológica bem como o autoritarismo do

reitor e seus auxiliares diretos. Tudo isso tem criado um clima de grande insatisfação em toda a comunidade acadêmica.

A atual administração da Universidade tem se caracterizado por uma política de isolamento, levando a um verdadeiro caos administrativo. Professores e funcionários estão com os salários atrasados reduzidos, congelados, e as anuidades aumentaram para os estudantes. A Universidade está se esvaziando. Este ano em muitos cursos o número de inscritos no vestibular não cobriu o número de vagas.

A insatisfação chegou a um ponto que permitiu a unidade em torno da luta pela democratização da Universidade. O reitor, sentindo-se acanado, foi obrigado a renunciar e a bater em retirada na assembléia geral.

O Vice-reitor assumirá até que uma comissão composta de professores, alunos e funcionários conclua uma modificação nos estatutos da URNE, para que seja possível a realização de eleições diretas em todos os níveis, e sobretudo para reitor. (correspondente na URNE-Paraíba).

Greve na emergência contra atraso de salário

Pela segunda vez consecutiva a emergência do distrito de Boa Vista, município de Campina Grande, Paraíba, entra em greve. Motivo: atraso no pagamento do mísero "salário" de Cr\$ 15.300,00.

Ouvido pela Tribuna Operária, um dos chefes da turma, que não quis se identificar temendo represálias por parte dos chefes políticos do PDS que manipulam a emergência ou cachorra magra, como é mais conhecida naquele distrito, falou: "Esta emergência não resolve o nosso problema e ainda assim atrasa até 15 dias. A fome aqui está grande e com fome ninguém trabalha".

Outro motivo que vem causando insatisfação aos trabalhadores é que eles estão trabalhando em propriedade privada, limpando pequenos barreiros que só vão servir



aos proprietários, enquanto os açudes públicos, que servem aos trabalhadores e à população, estão secos e cheios de lama.

Quanto à campanha "Nordeste Urgente", da Rede Globo, os trabalhadores daquele distrito não dão muita fé nela, pois até esta data não chegou nenhuma doação. Indagado sobre a campanha, o

secretário do Conselho Comunitário Boavistense, José Araújo, falou: "O Nordeste quer é soluções. Esta campanha da Rede Globo mostra os problemas, mas não mostra as soluções, que são reforma agrária radical, construção de açudes e liberação de verbas por parte do governo". (colaborador da TO em Boa Vista, Paraíba).

45 famílias são expulsas em Sumaré

Estou escrevendo esta carta em apoio aos sem terra de Sumaré. São 45 famílias que estão em jogo em Araras. São pessoas honestas e trabalhadoras que vieram para a região de Sumaré e Campinas afim de encontrar trabalho ou terra para cultivo. Chegaram aqui e não encontraram nada, só ilusão.

Então, cansados da vida sofrida, de não arrumar emprego, foram para a Usina Tamoio. Não queremos roubar nada de ninguém. Queremos plantar feijão, arroz e milho para o sustento de nossos filhos. E agora somos expulsos de lá porque os fazendeiros não deixam.

O que vamos fazer então,

pessoal? Vamos ajudar esta gente! Temos que ir pra rua e nos manifestar. Vamos arrecadar alimento para essas famílias. Lá tem crianças de sete meses. Precisamos juntar arroz, feijão, açúcar, leite, tudo que essas famílias precisam. (Maria Conceição-Sumaré, São Paulo).

A saída não é esta, Senhor Procurador!

Não bastassem as notícias estampadas todos os dias nos jornais de São Paulo sobre a violência, leio na revista Veja da semana passada, numa matéria com oito páginas sobre a violência no Estado, uma declaração do sr. Procurador da Justiça, Alberto Mariano Júnior (veterano defensor da pena de morte) sugerindo que cada "assaltante" que matasse sua vítima contribuísse com uma parte dos lucros obtidos nas vendas de artesanatos que fabricam, como forma de indenização de suas vítimas.

É deprimente contarmos com um procurador do Estado do governo democrático

de São Paulo que tenha uma visão desta. Como se o problema da violência e das vítimas se resolvesse assim. Será que este procurador já parou para pensar nas causas deste aumento da violência no Estado? Será que este procurador não estaria disposto a, junto com o povo, pôr fim neste regime que tanta violência nos traz? Acabando com o desemprego criando o salário-desemprego, punindo os responsáveis do caso Rio Centro, rompendo os acordos com o FMI e colocando na prisão os verdadeiros responsáveis por esta onda de violência que estamos vivendo? (V.T. leitor da TO-São Paulo, SP).

À moda da casa

Queremos um regime como quer o nosso irmão com milho, arroz e farinha carne seca no feijão

Queremos reforma agrária pela vida e contra a morte a reforma tributária pra melhorar nossa sorte

Dá a terra a quem precisa trabalhar para viver dá comida a quem tem fome e água para beber

Queremos ser educados com muita satisfação do contrário não teremos salvação

(M.L.-São Paulo, SP).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Quem fala pelo povo?

Quem fala pelo povo? Esta é uma questão candente a ser resolvida pelos trabalhadores brasileiros. Até hoje, devido à pequena liberdade existente no país em toda a sua história, o povo não tem canais para se manifestar de forma independente e a oposição democrática tem sido marcada pela atuação vacilante dos setores burgueses descontentes.

EM NOME DO POVO

As classes dominantes brasileiras sempre tiveram de impedir o crescimento das organizações operárias e populares. Ora recorriam diretamente à repressão, ora utilizavam o populismo: políticos burgueses se apresentavam como representantes dos trabalhadores e se encarregavam de manter as lutas de massas dentro de limites reformistas, aceitáveis para os donos do poder. Getúlio Vargas inclusive patrocinou a criação de um partido político, o PTB, para canalizar a insatisfação popular. E até hoje, nem mesmo os sindicatos atrelados ao Ministério do Trabalho estão livres de intervenções, diante de qualquer ação um pouco mais ousada.

Na situação atual, em que a crise leva a uma rápida deterioração do regime militar, a grande tarefa do movimento popular é livrar-se desta influência burguesa e pequeno-burguesa, de caráter reformista, e organizar-se para atuar com programa e métodos próprios no movimento oposicionista. Só assim é possível superar a tendência à conciliação da oposição burguesa.

UTILIZAR AS VACILAÇÕES

Mas para abrir este caminho, é preciso saber fazer política e abandonar todo tipo de estreiteza. A respeito disto é instrutiva a lição de Lênin: "Os bolcheviques defenderam sistematicamente a aliança da classe operária com os camponeses contra a burguesia liberal e o czarismo, sem negar-se nunca, ao mesmo tempo, a apoiar a burguesia contra o czarismo (na segunda fase das eleições ou nos empates eleitorais, por exemplo) e sem interromper a luta ideológica e política mais intransigente contra o partido camponês revolucionário-burguês, os 'social-revolucionários'..." E mais adiante acrescenta: "A vanguarda do proletariado, sua parte consciente, tem imperiosa necessidade de recorrer à manobra, aos acordos, aos compromissos com os diversos grupos proletários, com os diversos partidos operários e dos pequenos patrões. Toda a questão consiste em saber aplicar essa tática para elevar, e não para rebaixar, o nível geral de consciência, de espírito revolucionário e de capacidade de luta e de vitória do proletariado". E ainda: "Os democratas pequeno-burgueses (inclusive os mencheviques) vacilavam inevitavelmente entre a burguesia e o proletariado, entre a democracia burguesa e o regime soviético, entre o reformismo e o revolucionarismo, entre o amor aos operários e o medo à ditadura do proletariado, etc. A tática acertada dos comunistas deve consistir em utilizar essas vacilações e não, de modo algum, em desprezá-las. Para utilizá-las é necessário fazer concessões aos elementos que se inclinam para o proletariado — no caso e na medida exatos em que o fazem — e, ao mesmo tempo, lutar contra os elementos que se inclinam para a burguesia".

UNIDADE POPULAR

Os operários e os camponeses em nosso país, junto com outras forças populares, têm também a urgente necessidade de encontrar os caminhos da unidade — fazendo concessões aos setores que se inclinam para as posições de luta —, para que o povo tenha como tomar em suas mãos o movimento de massas contra o regime militar.



O "Reizinho do Parque", agora no Morumbi

Rivelino volta ao futebol sem craques

Roberto Rivelino, o inesquecível "reizinho do parque", peça de destaque da demolidora seleção campeã mundial de 1970, está de volta ao futebol. Ivair, o "príncipe", regressa à mesma Portuguesa onde estreou em 1959. O futebol não revela mais craques com a facilidade de vinte anos atrás e os velhos ídolos estão dispostos a ocupar o espaço.

Rivelino, a despeito de estar longe dos estádios brasileiros desde 1978, dispensa apresentações. As fintas secas e desconcertantes, o chute poderoso de canhoto, os lançamentos precisos ainda estão vivos na memória dos torcedores cheios de saudade. Aos 37 anos, Riva está acertando a preparação física para estreitar no São Paulo na próxima Taça de Ouro e promete o mesmo futebol que encantou o mundo inteiro. Seus futuros companheiros, que como ele têm treinado nos últimos meses, e o técnico Mário Travaglini estão eufóricos com a boa forma que o meia ainda apresenta.

A VOLTA DO PRÍNCIPE

Simultaneamente à contratação de Rivelino, a Portuguesa anuncia para a próxima temporada o retorno de Ivair, centro-avante excepcional que nos anos sessenta era considerado o sucessor de Pelé, daí o seu apelido de Príncipe. Também aos 37 anos, Ivair é o novo sonho dos torcedores da Lusa para os problemas de seu ataque. Candinho, o técnico que o convenceu da ideia de voltar ao futebol, pede que ele jogue apenas um terço do futebol que exibiu antes: "basta para arrombar qualquer defesa das que tenho visto por aí".

O regresso aos estádios destes dois grandes craques evidencia, antes de mais nada, a incapacidade da atual estrutura do futebol de produzir novos valores. A dezena de craques que emigrou para a Itália recentemente não justifica o deserto de talentos, exposto principalmente pela fracasada equipe de Parreira.

Basta lembrar a Copa de 66 para constatar que no

passado não muito remoto tal não aconteceria. Na preparação daquela seleção foram convocados 44 jogadores, numa tentativa de aliviar as pressões da imprensa, dos clubes e torcedores, muito comuns em tais oportunidades. Porém, mesmo enxugando dessa forma o estoque de craques, houve descontentamento. A Federação Paulista organizou uma quinta seleção e programou amistosos com equipes europeias para assim provar a procedência de suas reclamações. E nessa seleção de "barrados" jogavam os próprios Rivelino e Ivair, junto com craques do calibre de Ademir da Guia, Félix, Coutinho, Mengálvio, Dias, Toninho Guerreiro, Ademir etc.

O súbito recasso de talentos não é ocasional. O futebol profissionalizou-se há mais de quatro décadas, mas foi nos últimos dez anos que atingiu o patamar da extrema comercialização. O aperfeiçoamento da exploração coincide com o aviltamento da preparação técnica e esportiva, como não poderia deixar de ser. Lucro e qualidade nunca formaram parceria em parte alguma, por que o fariam no esporte?

Ao lado disso, a evolução da crise econômica acabou com a várzea, o mais rico celeiro de craques. Primeiro, ao ocupar os terrenos baldios e os campos dos times amadores com a voraz especulação imobiliária. Depois, ao obrigar os garotos da periferia a trocarem as "peladas" pelas "tombadas" nos cruzamentos das grandes cidades.

Sorte dos veteranos. É pena, uma pena, que Garrinha tenha morrido.

(J. Madureira)

Raízes do protesto negro, ontem e hoje

O sociólogo Clóvis Moura está lançando um novo livro — *Brasil: as Raízes do Protesto Negro* (Global Editora). Com ele encerra seu ciclo de estudos sobre o escravo negro no Brasil, iniciado com o conhecido "Rebeliões na Senzala".

Brasil: as Raízes do Protesto Negro abrange uma série de trabalhos escritos entre 1964 e 1983. Os assuntos são bastante variados, desde "a influência da escravidão na estrutura e comportamento da sociedade brasileira", passando pela "ideologia do branqueamento das elites brasileiras", "Calabar: a traição na história", e diversos outros tópicos.

Apesar de ter durado quase quatro séculos, e de sua influência em nossa sociedade ser notada até hoje, a escravidão ainda foi pouco estudada no Brasil, diante de sua importância na formação do país. As elites ou tentaram apagar de nossa história estas páginas degradantes (como Rui Barbosa que, na primeira República, mandou queimar documentos sobre a escravidão), ou tentaram mostrar que os nossos "senhores de escravos" eram mais "bonzinhos" que os de outros países (como Gilberto Freyre, em "Casa Grande & Senzala").

Mas a escravidão sempre teve seus ideólogos. Clóvis Moura cita, em seu livro, Montesquieu: "Não podemos aceitar a ideia de que Deus, que é um ser muito sábio, tenha introduzido uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo com-

pletamente negro (...) É impossível supormos que tais gentes sejam homens, pois, se as considerarmos homens, começaríamos a acreditar que nós próprios não somos cristãos".

Hoje a elite passa a sua ideologia racista mais camufladamente. Clóvis alerta que "o preconceito de cor funciona como um mecanismo regulador do capitalismo dependente, a fim de manter os baixos padrões de salários dessas mas-

sas plebéias e da classe operária por abrangência".

O autor destaca a constante luta do negro contra esta opressão. Luta de que dão exemplos a República de Palmares, a rebelião dos hauçás na Bahia e a revolta da Chibata. Luta que continua hoje, por uma mudança radical na sociedade. "E o negro, pela sua condição de duplamente oprimido, será chamado a ser um dos líderes desta revolução", prediz Clóvis Moura. (D.A.)

BRASIL: as Raízes do Protesto Negro



17ª Bienal, distante da realidade dos povos

Artistas de 43 países — incluindo o Brasil — participam da 17ª Bienal de São Paulo, que estará aberta até o dia 18 de dezembro no Parque do Ibirapuera. A mostra objetiva apresentar as tendências de maior significação na arte atual. Mas, apesar de alguns bons momentos, ela não reflete a realidade atual dos diversos países e as intenções dos povos.

O curador geral da 17ª Bienal, professor Walter Zanini, admite que "a hora pertence às razões subjetivas, às intenções pessoais, à realidade dos universos vindos do interior de cada um...". E não era de se esperar muito além deste enfoque. A 1ª Bienal aconteceu em 1951, quando a burguesia mundial lançava-se vorazmente contra a União Soviética de Stalin. Contrária à tendência de fazer da arte a generalização dos acontecimentos e do destino do homem nos momentos dramáticos e mais importantes da história; de fazer da arte o reflexo da luta e do trabalho, das grandes transformações sociais, a burguesia promove a arte do culto ao ego, da perda de interesse pelo passado e falta de en-

tendimento do futuro. Com a traição revisionista na URSS, e a degeneração capitalista nesse e em outros países, a arte socialista perdeu campo. A arte burguesa, é claro, não deixou espaços vazios.

Muitos artistas lutam contra esta situação. Mas é uma batalha difícil. Para se ter uma ideia, o único país que hoje em dia desenvolve de maneira sistemática a arte do realismo socialista, é a Albânia, com seus 3 milhões de habitantes.

Acompanhando a 17ª Bienal com um cicerone, o visitante comum poderá observar intenções progressistas em muitos dos artistas. Contudo isto é difícil de ser apreciado, dada a confusão estética a que estão sujeitos

os autores. Os 19 brasileiros que expõem não fogem a esta situação. Como a mostra está organizada por linguagens artísticas parecidas, é mais difícil encontrar traço comum entre os brasileiros. Mas o uso de alguns elementos folclóricos, o colorido, e mesmo algumas temáticas lembram a vida de nosso povo. É o caso do audiovisual de Miguel Rio Branco, "Conversa com Maú", um menino kayapó surdo, mudo e aculturado, mostrado em diversas situações. Outro bom momento nacional é a exposição de arte plumária de 39 grupos tribais de índios.

Também entre os autores internacionais, a maior parte dos bons momentos estão dedicados à antropologia. Rainer Wittenborn apresenta um interessante trabalho sobre a ocupação das terras dos indígenas do norte do Canadá. Mostra bem que o critério para ocupação dessas terras foram fotografias de satélites, quilômetros distantes dos índios. Contudo o grosso dos autores internacionais são dados a especulações estéticas sem nenhum conteúdo maior que o próprio ego.

De curioso, o uso da informática com propósitos artísticos. Há uma exposição de videotexto. São imagens formadas em tela de televisão conforme a vontade do artista. Até poesias móveis podem ser apreciadas. Há ainda uma programação de cinema, em que os brasileiros, como Paulo Veríssimo, estão mais próximos de um trabalho progressista.

Segundo os vigias, apesar dos preços acessíveis do ingresso (Cr\$ 250,00 e Cr\$ 500,00), o público adulto é constituído principalmente de estrangeiros e ricos. Reflexo de que, no geral, a arte exposta está longe do povo. Mas vale a pena ver para conhecer. (Ernesto Alves da Silva)



CDM
Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Granger

Trabalho Operário

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, antiga Trav. Brig. Luiz Antonio, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36.7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOPBR.

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

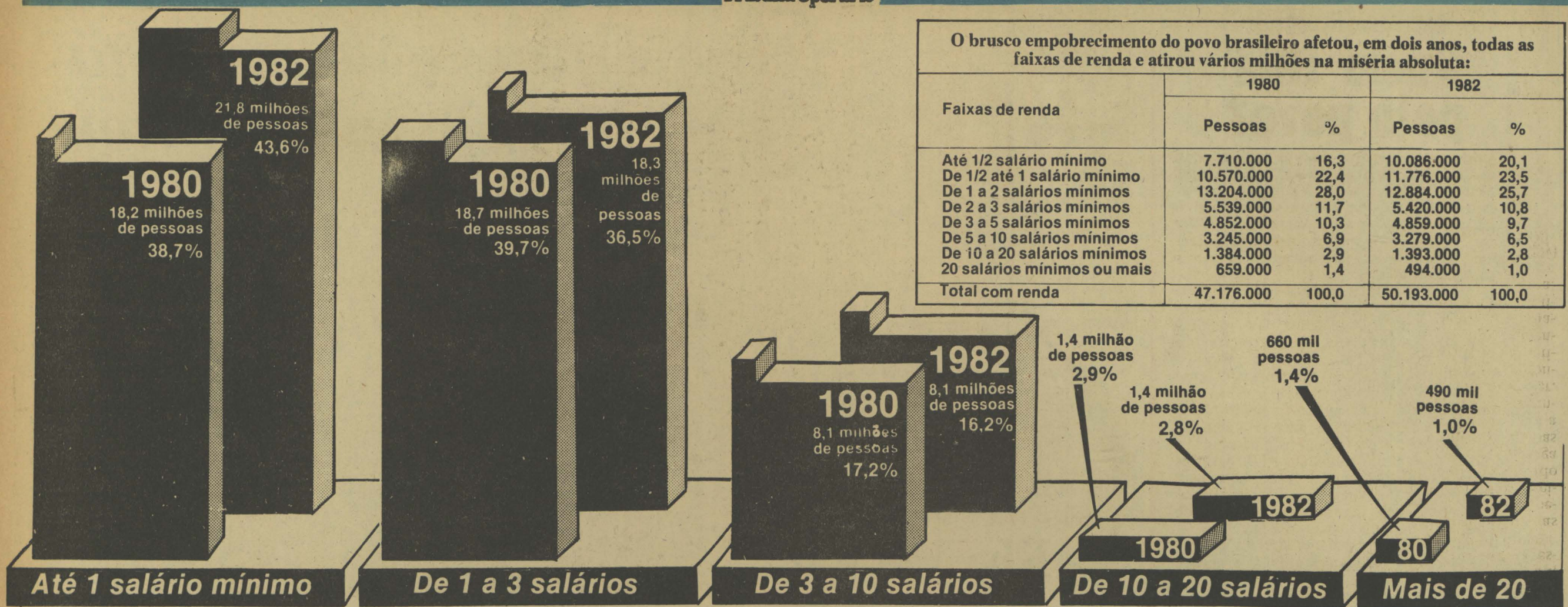
ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91, Estação Experimental Rio Branco — CEP 69300. AMAZONAS — Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 — A (Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000. PARÁ — Belém: Rua Manoel Barata, 993. Fone: 222.8293. CENTRO — CEP 66000. MARANHÃO — São Luís: Rua do Machado, 174. CENTRO — CEP 65000. PIAUÍ — Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130. CENTRO — CEP 64000. CEARÁ — Fortaleza: Rua do Rosário, 1º andar — CEP 60000. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 — CEP 62100. RIO GRANDE DO NORTE — Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202, Alcorim — CEP 59000. PARAIBA — João Pessoa: Rua Padre Meira, 30, sala 108 — CEP 58000. CAMPINA GRANDE: Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar — CEP 58100. PERNAMBUCO — Recife: Rua Sossogo, 221 — Boa Vista — CEP 50000. Cabo: Rua Vigário Batista, 239 — CEP 54500. GARANHUNS: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 — CEP 55300. ALAGOAS — Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183, Centro — CEP 57000. ARAPIRACA: Praça Marques da Silva, Ed. Arthur F. Neto, apto. 312 CEP 57000. SERGIPE — Aracaju: Rua João Pessoa, 299, sl. 28 — CEP 49000. BAHIA — Salvador: Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro — CEP 40000. FEIRA DE SANTANA: Av. Santos Dumont, 218 Centro — CEP 44100. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar — Centro. CAMAÇARI: Rua José Nunes de Matos, 12 — CEP 42800. ITABUNA: Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204 — CEP 45600. JUAZEIRO: Rua Américo Alves, 6-A — CEP 44060. MINAS GERAIS — Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817. Fone: 224.7605 — CEP 30000. JUIZ DE FORA: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 — CEP 36100. GOIÁS — Goiânia: Rua 27, nº 69, Centro — CEP 74000. DISTRITO FEDERAL — Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 — CEP 70302. MATO GROSSO — Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548. Fone: 321.5095. CEP 78000. MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande: Rua Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 — CEP 79100. ESPÍRITO SANTO — Vitória: Av. Vitória, 961. Fone: São João — CEP 25002. Cachoeiro do Itapemirim: Pça. Gerônimo Monteiro, 59, sala 02 — Centro — CEP 23000. RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 — CEP 20000. Rio de Janeiro: Rua Carvalho de Souza, 155, loja F. Madureira — CEP 20000. NITERÓI: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 807 — CEP 24000. DUADE DE CAXIAS: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 — CEP 25000. NOVA IGUAÇU: Rua Otávio Tarquínio, 74, sala 605 — CEP 26000. SÃO PAULO — São Bernardo do Campo: Rua Tenente Sales, 229, sala 32 — CEP 09700. São Caetano do Sul: Rua Sta. Catarina, 39, sala 303 — CEP 09500. CAMPINAS: Rua Regente Feijó, 592 — CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 1º andar — CEP 17500. Piracicaba: Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367 — CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua Sergipe, 119 — CEP 14100. Santos: Av. D. Pedro II, nº 7 — CEP 11100. São José dos Campos: Rua Sebastião Hummel, 185, sala 7 — CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, SALA 5 — CEP 12100. PARANÁ — Curitiba: Rua Martin Afonso, 370 — CEP 87000. LONDINA: Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8 — CEP 86100. RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 — CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dr. Montauray, 658, 1º andar, sala 15 — CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade Neves, 1589, sala 403 — CEP 96100.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Perneado, 236, loja 8. Tel.: 263.7400 — São Paulo — SP.

Publicações da Editora Anita Garibaldi

O Eurocomunismo é Anticomunismo (E. Hoxha)	Cr\$ 1.500,00
O Imperialismo e a Revolução (E. Hoxha)	Cr\$ 1.500,00
Relatório ao 8º Congresso do PTA (E. Hoxha)	Cr\$ 1.000,00
Discurso aos eleitores (E. Hoxha)	Cr\$ 400,00
Guerrilha do Araguaia (2ª edição)	Cr\$ 2.000,00
Farabundo Martí, herói de El Salvador	Cr\$ 400,00
Os Comunistas e as eleições (V.I. Lênin)	Cr\$ 600,00
A Educação Revolucionária dos Comunistas (D. Arruda)	Cr\$ 800,00
O Revisionismo Chinês de Mao Tsétung (J. Amazonas)	Cr\$ 1.000,00
Pela liberdade, pela democracia popular (J. Amazonas)	Cr\$ 800,00
Princípios (nºs 2, 4, 6) o exemplar:	Cr\$ 500,00

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda., com envio de cheque nominal no valor da compra. Rua Major Quedinho, 300, sala 3, CEP 01050, Bela Vista, São Paulo, Capital.



Miséria toma conta do país

Em setembro de 1980, havia 18,2 milhões de brasileiros ganhando um salário mínimo ou menos. Dois anos depois eles já eram 21,8 milhões — 3,6 milhões a mais! Este e outros dados reveladores sobre a crise e a política econômica do governo Figueiredo estão na PNAD-82 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgada este mês pelo IBGE.

O quadro nº 1 compara os dados do Censo de 1980 e os da PNAD, e mostra que todo o crescimento da população com alguma renda confinou-se na faixa de um salário mínimo ou menos. Todas as demais faixas tiveram seu peso reduzido, com destaque para a de renda superior a 20 salários, que diminuiu de 659 mil para 494 mil.

Vale assinalar que a PNAD não abrangeu a população rural da região Norte (2,7 milhões de habitantes, 2,3% da população do país, em 1980). Sem esta lacuna, a área de miséria absoluta seria bem maior. Além disso, as cifras são de setembro de 1982, dois meses antes de o governo Figueiredo bater à porta do Fundo Monetário Internacional. Sob o império do FMI, a recessão recrudescceu, as demissões se estenderam, a taxa de inflação saltou de 100% para 200%. Houve, portanto, um novo achatamento da pirâmide de renda. Só os nordestinos alistados nos "bolsões" da seca, recebendo precariamente meio salário mínimo, somam 13 milhões.

5 mil por dia caem abaixo do limite de um salário mínimo

Este é o lado quantitativo do problema — o empobrecimento geral e a proliferação da miséria bruta, a todo vapor, num ritmo de

4.900 brasileiros por dia caindo no abismo do salário mínimo para baixo. Já o quadro nº 2 fornece algumas pistas para as mudanças nas classes sociais durante estes dois anos. São apenas pistas — pois o rigor científico do IBGE nesta área deixa muito a desejar —, mas ainda assim possuem interesse.

A primeira coisa que se sobressai é o aumento apenas vegetativo da categoria dos empregados — basicamente assalariados. Em termos absolutos, ela caiu de 66,6% para 63,1% do total das pessoas ocupadas. E a queda aconteceu tanto no campo como na cidade, como fruto do desemprego.

Camponês não tem lugar na terra do boi e do Proálcool

Para onde foi essa massa de trabalhadores que não encontra emprego? O quadro evidencia que, nas cidades, grande parte entra no setor dos *conta própria*, que cresceu em 1,7 milhão de pessoas e aumentou seu peso de 17% para 20%. Ai se situa a vasta legião dos biscoiteiros urbanos, que padecem na mais absoluta miséria.

Entretanto, na agricultura, os trabalhadores por conta própria se reduziram bruscamente. Em 1980, eles eram 5,6 milhões; em 1982, mesmo incluindo-se a população rural da região Norte,

que a PNAD não abrangeu, não passavam de 4,8 milhões. É que, no campo, para trabalhar por conta própria é preciso ter acesso à terra. E no Brasil, paraíso do boi, do Proálcool, do latifúndio enfim, não sobra lugar para o camponês.

Daí o inchaço das cidades, que ganharam mais 6,8 milhões de habitantes nesses dois anos, enquanto a área rural perdia 630 mil habitantes (excluindo-se a região Norte) devido à expulsão do campesinato.

A PNAD-82 registra ainda um aumento sem precedentes dos trabalhadores

não-remunerados — em geral gente que auxilia um familiar no trabalho, sem receber pagamento. No cam-

Sobe o número de analfabetos, diminui o de universitários

po, onde já era grande, este setor mais que dobrou. E nas atividades não-agríco-

las, ele praticamente quadruplicou!

Em 1982, a PNAD, que a cada ano destaca um aspecto, deteve-se em especial na Educação. O assunto mereceria um estudo à parte, tamanho tem sido o impacto da crise sobre a já sofrida área educacional. Contudo um ou dois aspectos mais gritantes não poderiam ser silenciados.

O quadro nº 3 mostra o panorama desolador da alfabetização. A taxa de analfabetismo praticamente es-

Menos estudantes nas universidades e nas escolas de segundo grau — outra faceta da crise que flagela o Brasil e seus filhos:

Número de estudantes	1980	1982
Total geral	24.881.000	28.667.000
Primário	13.248.000	15.919.000
Ginásio	6.445.000	6.732.000
2º grau	3.031.000	2.867.000
Superior	1.352.000	1.327.000

Nota: os dados de 1982 não incluem a população rural da região Norte

tagnou entre 1980 e 1982, e subiu em relação a 1976. O número de analfabetos subiu em 1,3 milhão (excluindo-se a população rural da região Norte). E pior ainda, a taxa de analfabetismo passou a subir nas cidades e nas regiões mais desenvolvidas — sinal seguro de agravamento do problema. O dado mais eloquente é a existência de 7

milhões de analfabetos nas cidades da região Sudeste, onde a taxa de analfabetismo subiu de 16,6% para 17,2% em 24 meses.

Outra revelação da PNAD é a diminuição do número de estudantes de Segundo Grau e de nível superior. E a estagnação das matrículas no Ginásio (5ª a 8ª série do 1º Grau). Só nas primeiras séries do Primeiro Grau, verificou-se algum progresso no período analisado.

Vistas em conjunto, as estatísticas do IBGE espelham aquilo que os brasileiros já haviam constatado por sua própria e amarga experiência: que as massas do povo empobrecem a olhos vistos, não conseguindo sequer trabalhar, comer, morar e instruir-se nas condições, já precárias, que tinham há alguns anos, sendo reduzidas a uma situação insuportável, no sentido mais literal da palavra.

(Bernardo Joffily)

Exploração das mulheres aumenta

Um fenômeno social que fica patente na PNAD-82 é a participação crescente da mulher na cena brasileira. O quadro nº 5 mostra que quase 4 milhões de mulheres se incorporaram à população economicamente ativa nesses dois anos, contra pouco menos de 2 milhões de homens. É um indicativo que reforça as bases objetivas para a luta pela emancipação feminina, na sociedade, no trabalho e na família.

Entretanto, paradoxalmente, isto é também fruto de uma política perversa do patronato, que em tempos de crise apela para a mão-de-obra feminina para pagar salários mais baixos e arrancar taxas de mais-valia mais polpudas. O número de mulheres com renda mensal até um salário mínimo sobe a 11,3 milhões, quase igual ao de homens (11,5 milhões). Em contraste, na faixa acima de 10 salários mínimos as mulheres são apenas 428 mil, contra 1,6 milhão de homens.

A propósito, a busca de mão-de-obra mais ba-

rata fez crescer não só o trabalho feminino, mas também o infantil. O quadro nº 5 indica que, entre 1980 e 1982, a quantidade de crianças trabalhadoras de 10 a 14 anos de idade aumentou em mais de um milhão...

Igualmente notável, e até surpreendente, é o peso feminino na população estudantil. Pela primeira vez, o número de mulheres matriculadas em cursos superiores superou o de homens, em 36 mil. O mesmo aconteceu no Segundo Grau e inclusive no Ginásio. Apenas no nível primário (os quatro primeiros anos do 1º Grau), o sexo masculino leva vantagem em número de estudantes.

Um dos artifícios do patronato em tempo de crise é assalariar mais mulheres e mais crianças, arrancando uma taxa maior de mais-valia:

População economicamente ativa maior de 10 anos	1980	%	1982	%
Total	43.796.000	100,0	49.884.000	100,0
Homens	31.757.000	72,5	33.797.000	67,7
Mulheres	12.038.000	27,4	16.087.000	32,2
De 10 a 14 anos de idade	1.922.000	4,3	2.995.000	6,0
De 15 a 17 anos de idade	6.340.000	14,4	7.588.000	15,2

Nota: os dados de 1982 não incluem a população rural da região Norte

Entre as pessoas ocupadas, o assalariados perdem peso; os não-remunerados se multiplicam por 1, no campo e por 4 nas cidades:				
Pessoas ocupadas	1980	%	1982	%
Total geral	42.913.000	100,0	47.925.000	100,0
Empregados	28.605.000	66,6	30.247.000	63,1
Conta própria	10.666.000	24,8	11.146.000	23,2
Empregadores	1.158.000	2,7	1.587.000	3,3
Não-remunerados	2.270.000	5,3	4.945.000	10,3
Na agricultura				
Total	13.109.000	100,0	14.139.000	100,0
Empregados	5.030.000	38,4	5.134.000	36,4
Conta própria	5.600.000	42,7	4.340.000	30,0
Empregadores	377.000	2,8	494.000	3,5
Não-remunerados	2.072.000	15,8	4.169.000	29,5
Fora da agricultura				
Total	29.804.000	100,0	33.786.000	100,0
Empregados	23.574.000	79,1	25.112.000	74,2
Conta própria	5.065.000	17,0	6.805.000	20,0
Empregadores	780.000	2,6	1.092.000	3,1
Não remunerados	197.000	0,6	775.000	2,8

Nota: os dados de 1982 não incluem a população rural da região Norte